

Escola Sabatina

MULTIPLICANDO DISCÍPULOS

Escola Sabatina

MULTIPLICANDO DISCÍPULOS



Igreja Adventista
do Sétimo Dia[®]

ASSOCIAÇÃO MINEIRA
CENTRAL

Publicado por Associação Mineira Central da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2018.

1ª edição.

Organização

Marcos Vinícius Santiago

Editoração

Marcos Vinícius Santiago

Capa

Aline Soares, Bárbara Katherinne e Vitor Mello

Diagramação

Felipe Rocha de Oliveira

Revisão

Adriane Rodrigues da Silva

Impressão

Gráfica 3pint

Autores

Almir de Souza; Djalma F. Alves; José Luis Carvalho; Josué Pereira Duarte; Paulo Cesar Nogueira; Robson Romero de Sousa; Ronaldo Bento do Amaral; Sergio Strapassan; Willian Nunes Ferreira; Julimar Gualberto dos Santos.

Administração executiva

Presidente: José Marcos Nunes de Oliveira

Gerente Financeiro: Silvanio Zahn

Secretário Executivo: Cláudio Hirle

ISBN: 978-85-923645-1-9

Todos os direitos são reservados a:
Associação Mineira Central da Igreja
Adventista do Sétimo Dia
Avenida Portugal, 931 – Santa Amélia
31550-000 – Belo Horizonte – MG
Fone: (31) 2121-6900
www.amc.adventistas.org
facebook AdventistasUai

AGRADECIMENTOS

A Deus por nos dar condições de conhecer e registrar seu amor por nós!

À **Associação Mineira Central** por nos dar tempo para reuniões quinzenais e por investir na Escola Sabatina, acreditando que este é um excelente caminho para o crescimento eclesialístico.

Aos amigos, **pastores Jonas Henrique de Souza, Gilvan Santos Ribeiro, Elias Lourenço da Silva** como coprodutores dos artigos, oferecendo-nos contribuições reflexivas em cada uma das reuniões do grupo de estudos que potencializou este projeto.

Aos **pastores distritais** da Associação Mineira Central por sonharem conosco com um movimento reacionário que fortalecerá as ovelhas e ampliará sua influência sobre a comunidade inserindo-a ao reino de Deus.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	09
INTRODUÇÃO	11
BREVE HISTÓRIA DA ESCOLA SABATINA	13
<i>Pr. Josué Pereira Duarte</i>	
O QUE É A ESCOLA SABATINA?	21
<i>Pr. José Luis Carvalho</i>	
OS PILARES DA ESCOLA SABATINA	29
<i>Pr. Almir de Souza</i>	
A ESTRUTURA DAS UNIDADES DE AÇÃO	37
<i>Pr. Paulo Cesar Nogueira</i>	
A UNIDADE DE AÇÃO E OS MINISTÉRIOS DA IGREJA	43
<i>Pr. Ronaldo Bento do Amaral</i>	
A UNIDADE DE AÇÃO E O PASTOREIO CRISTÃO	49
<i>Pr. Djalma F. Alves</i>	
A UNIDADE DE AÇÃO E O DISCIPULADO	55
<i>Pr. Sergio Strapassan</i>	
A UNIDADE DE AÇÃO E OS MÉTODOS DE CRISTO	59
<i>Pr. Willian Nunes Ferreira</i>	

A UNIDADE DE AÇÃO E A ADAPTAÇÃO CULTURAL	67
<i>Pr. Robson Romero de Sousa</i>	
A UNIDADE DE AÇÃO FAZENDO MISSÕES URBANAS	71
<i>Pr. Robson Romero de Sousa</i>	
ESCOLA SABATINA, ENVOLVIMENTO TOTAL DOS MEMBROS E PLANTIO DE IGREJAS	75
<i>Pr. Julimar Gualberto dos Santos</i>	
CONCLUSÃO	81

PREFÁCIO

Escola Sabatina Viva

A Escola Sabatina é uma agência de ensino do Reino de Deus. Esta escola está presente em quase todos os países do mundo e possui milhões de alunos que, todos os dias, se dedicam ao estudo das Sagradas Escrituras. Seus alunos procedem de todas as nações, são oriundos de todos os extratos sociais e abrangem todas as faixas etárias. Esta escola informa, transforma e capacita pessoas para a realização da obra de Deus.

O livro texto da Escola Sabatina é a Palavra de Deus. Ela é inspirada por Deus e escrita por homens santos. As mesmas verdades que são ensinadas para as crianças são também transmitidas nas classes de adultos. “Nossas Escolas Sábatinas não são menos que sociedades bíblicas, e no santo trabalho de ensinar as verdades da Palavra de Deus, podem realizar muito mais do que até o presente.” E G W , CSES P.9

A Escola Sabatina é uma poderosa agência ganhadora de almas. Por meio do ensino das Escrituras muitas pessoas têm vindo ao conhecimento salvador de Cristo e sido transformadas pelo poder do Espírito Santo.

A Escola Sabatina é um campo de treinamento dos santos para realizar a obra de Deus. A Escola Sabatina não apenas informa, mas também, treina pessoas convertidas para o exercício do ministério. A igreja não é apenas o receptáculo da graça, mas um canal por meio do qual, as boas novas do evangelho devem chegar até aos confins da terra para alcançar cada criatura.

É tempo de nos levantarmos, munidos de um profundo senso de urgência para darmos prioridade à Escola Sabatina em nosso exercício da fé. Que através deste livro Deus nos ajude a ter uma Escola Sabatina mais viva, dinâmica e operosa, que informa, transforma e treina pessoas para fazer a obra de Deus!

Pr. José Marcos Nunes de Oliveira
Presidente da Associação Mineira Central

INTRODUÇÃO

A Igreja Adventista do Sétimo Dia compreende que o preparo de seus membros é um dos principais fatores que interfere na disposição para se aceitar e divulgar a volta de Jesus. Neste sentido, também reconhece que a Escola Sabatina, através de seus voluntários e sistemas de organização, é o coração de suas atividades eclesiais.

Nos últimos anos, a Igreja tem enfatizado a relevância deste departamento produzindo referenciais teóricos e práticos quanto à natureza missional e pedagógica da Escola Sabatina. Através deste empenho averiguar-se-á que em toda sua história a Igreja se preocupou em prover suportes técnicos para o aperfeiçoamento dos dons de seus membros.

Em contrapartida ao empenho da organização adventista, percebe-se professores da Escola Sabatina com dificuldade em acompanhar o desenvolvimento da produção de materiais e a expectativa que lhes é imposta. Eles possuem dúvidas quanto sua ação didática e, nem sempre, têm uma consciência missional clara frente ao como se apropriar de um perfil idealizado pela Igreja. Consequentemente, agem pautados em senso comuns e seculares (por quê?).

Diante da falta de reflexão ao se eleger um professor para a Unidade de Escola Sabatina, a Igreja, mediante a instrução de Ellen G. White no livro Conselhos sobre Escola Sabatina, deve se indagar se os que hoje atuam junto às Unidades são modelos de uma conduta cristã a ser estabelecida como referência às novas gerações.

Assim, este livro busca ampliar a experiência e os significados do projeto chamado Escola Sabatina na consciência de todos os envolvidos nele. Seu objetivo é analisar a ação do professor e dos discípulos sob a ótica de pastores experientes e pesquisadores da realidade das igrejas que cuidam.

Este trabalho é uma avaliação escrita sobre como vemos a Igreja através da Escola Sabatina. A proposta é uma revisão do projeto atribuindo-lhe novos valores e novas possibilidades que visam o envolvimento de cada discípulo no sentido de alcançar os objetivos espirituais para toda a Igreja.

As atividades desempenhadas no âmbito eclesiástico possuem cunho educativo e formativo. Ou seja, a igreja é uma escola enquanto plataforma formadora de discípulos cristãos.

Cada artigo se torna relevante ao lançar um olhar avaliativo sobre a Escola Sabatina e, em especial, sobre os responsáveis por seu acontecimento. Assim, ampliamos a necessidade da Igreja em pesquisar seu movimento a fim de mapear dificuldades técnicas, humanas e espirituais que, ainda, interfiram negativamente no alcance dos propósitos de Deus para o Seu povo.



BREVE HISTÓRIA DA ESCOLA SABATINA

Pr. Josué Pereira Duarte

A ideia de reunir pessoas para o estudo de coisas espirituais vem desde o princípio da história bíblica. A Israel, desde a saída do Egito, foi dada a ordem de ensinar as crianças a respeito de Jeová, de sua lei e de seu poderoso ato em favor do seu povo.

A escola dos profetas, mencionada nas Escrituras e na literatura judaica, foi um importante meio de reunir pessoas de forma sistemática para estudar assuntos espirituais e da vida cotidiana de Israel como povo de Deus (1 Samuel 10:5,10; 19:20; 2 Reis 2:3-7; 4:38-43).

Registros atestam para a ideia de estudo em classe, em diferentes faixas etárias, nos primeiros séculos da igreja cristã. Havia escolas de catequese nas principais igrejas em todo império romano.

No período da Reforma, as escolas de catequese foram substituídas pelas escolas dominicais. Lutero escreveu catecismos para crianças e fundou escolas dominicais no ano de 1529. Outros reformadores fizeram o mesmo, cada um ensinando as doutrinas pregadas por eles.

Robert Raikes, de Gloucester, Inglaterra, é considerado o fundador do moderno movimento da escola dominical.

ESCOLA SABATINA ENTRE CRISTÃOS

A primeira Escola Sabatina da qual se tem registro foi organizada por Ludwig Hacker, em Ephrata, EUA, em 1739, mais de quarenta anos antes de Robert Raikes organizar sua escola dominical. Ludwig Hacker era membro da Igreja Batista do Sétimo Dia.

ESCOLA SABATINA NA IGREJA ADVENTISTA

Foi no verão de 1852 que a primeira semente foi plantada tendo raízes profundas e duradouras. Naquele verão, o pastor Tiago White, viajando de Rochester, N.Y., para Bangor, Maine, ficou profundamente impressionado com a necessidade de algum sistema ou plano regular de lições bíblicas especialmente adaptadas à juventude. Depois de jantar à beira da estrada e enquanto esperava que sua equipe se alimentasse e descansasse, usou sua cesta de almoço como mesa e preparou a primeira série de lições da Escola Sabatina já escritas para o nosso povo¹.

Naquela época, os crentes estavam amplamente dispersos; o nome “Adventista do Sétimo Dia” não havia sido cunhado; a palavra “igreja” era raramente usada; nenhum ministro havia sido ordenado; nenhum ancião da igreja cuidava do rebanho. Por mais estranho que possa parecer, pouca tentativa foi feita para instruir os filhos dos crentes nas doutrinas apreciadas por seus pais. O pastor White considerou ser “um erro grave, suficiente para invocar a ira de Deus”².

Entendendo que era urgente a necessidade de organizar escolas sabáticas e incentivar um curso uniforme de estudo da Bíblia. Então, em 1852, Tiago White publicou as primeiras 4 lições da Escola Sabatina na revista *The Youth’s Instructor* (O Instrutor da Juventude). Junto a estas lições ele deu a seguinte instrução: “Damos quatro lições da Escola Sabatina neste número, uma para cada semana, e esperamos que os pais estabeleçam escolas sabáticas mesmo onde haja apenas duas ou três crianças em um lugar. E esperamos que as crianças leiam a lição várias vezes, para poder responder a todas as perguntas”³.

¹ D. F. Neufeld. *Seventh-day adventist encyclopedia*. 2ed. Hagerstown: Review and Herald, 1996. v. 11, página 513.

² L. F. F. Plummer. *Early history of the Seventh-day Adventist Sabbath-school work*. Washington: Review & Herald, 1921, página 28.

³ Idem.

Schwarz e Greenleaf⁴ descrevem que as lições publicadas para os anos iniciais ensinavam sobre o sábado, sobre a Lei de Deus e sobre a Arca do Testemunho. Algumas eram preparadas ao longo das viagens evangelísticas do casal White.

Até o ano de 1853 não haviam Escolas Sabatinas organizadas para o emprego das lições que já estavam sendo publicadas. Assim, os pais estudavam-nas com seus filhos nos próprios lares.

Em 1853 aconteceu a primeira Escola Sabatina regular em Rochester, Nova York, fundada pelo próprio Tiago White. No ano seguinte, em 1854, também no estado de Nova York, na cidade de Buck's Bridge, organizou-se outra Escola Sabatina, dessa vez por John Byington. Seguiu-se em várias outras cidades do país o estabelecimento regular da Escola Sabatina, consolidando assim o posteriormente chamado de "Serviço regular da Escola Sabatina".

Foi histórico o ano de 1863, tanto para a denominação como para a Escola Sabatina. Nesse ano, a igreja foi oficialmente organizada e foi publicada a primeira série de lições da Escola Sabatina para as crianças e adultos, tendo como autor Uriah Smith.

Em 1869, o professor G. H. Bell, editor da *The Youth's Instructor*, publicou uma sequência de oito séries de lições apropriadas às crianças e jovens que, a partir de então, se transformou numa referência quanto à sistemática da Escola Sabatina, auxiliando no preparo e motivação dos membros para o estudo das lições. Essa influência foi marcante à impressão institucional da Escola Sabatina como um dos ministérios da igreja.

Sob a direção da irmã Liliã Affolter, em 1878, organizou-se em Battle Creek uma classe adequada às crianças que ainda não sabiam ler. Esta divisão foi chamada pelo professor G. H. Bell de "O Ninho dos Pássaros".

Ainda em 1885, a Escola Sabatina de Oakland, Califórnia, endossou o envio de suas ofertas para a missão na Austrália. A iniciativa se proliferou e em 1887 a Associação Geral votou o estabelecimento de uma estação missionária na África.

Gradativamente o ministério alcançou maior seriedade e, também, em 1885 a Associação Geral passou a publicar trimestralmente a revista *Sabbath School Worker* (O obreiro da Escola Sabatina), contendo formas de organização e métodos úteis para as classes.

⁴ Richard Schwarz; Floyd Greenleaf. *Portadores Del Luz: Historia de La Iglesia Adventista Del Septimo Dia*. Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2003, página 117.

Em 1887, o “pão lançado sobre as águas” (Eclesiastes 11:1) já retornava aos ofertantes da Escola Sabatina. João I. Tay, que trabalhava em uma missão nas ilhas do sul do Oceano Pacífico, retornou aos Estados Unidos a fim de expressar à igreja os resultados e desafios de seu trabalho. Como apoio à missão arrecadou cerca de 12 mil dólares em classes de Escolas Sabatinas e construiu o navio “Pitcairn”. Em novembro de 1890, este navio serviu para o evangelismo na colônia britânica denominada ilha de Pitcairn onde a equipe de missionários batizou 82 pessoas, número equivalente a toda a população local.⁵

Em 1890, as igrejas passaram a receber mensalmente notícias da obra em campos continentais.

A Escola Sabatina, como Departamento, foi oficialmente organizada em 1877, com a formação das primeiras Associações das Escolas Sabatinas para os estados da Califórnia e Michigan, EUA, e, em 1901, a Associação Geral considerou que a Escola Sabatina era a principal promotora de atitudes de gratidão e, também, a principal fonte de sustento das missões. Por isso, a Associação Internacional da Escola Sabatina passou a se chamar Departamento da Escola Sabatina da Associação Geral, tendo W. A. Spicer como diretor e Flora Plummer como secretária.

Finalmente, quero destacar a publicação do livro Conselhos sobre a Escola Sabatina em 1928. Este livro é uma compilação de vários artigos que Ellen G. White escreveu para os diferentes órgãos oficiais de publicação da Igreja Adventista. Neste livro, são apresentados 4 pilares nos quais a Escola Sabatina deve estar fundamentada: (1) pastorado, (2) ensino, (3) relacionamento, e (3) missão. Entendo que estes pilares promovem um crescimento harmônico de todas as áreas do discípulo e da igreja.

Vale ressaltar que a Escola Sabatina, desde os anos iniciais, esteve fortemente ligada ao cumprimento da missão de ganhar almas para Cristo. Em 1913, por exemplo, foi apresentado um relatório informando que 3.500 pessoas haviam sido batizadas nos Estados Unidos como produto da ênfase em se ganhar almas através da Escola Sabatina.

Os anos posteriores foram de crescimento e consolidação. Outras publicações foram agregadas como as lições para os adolescentes, o Informativo Mundial das Missões e o Manual da Escola Sabatina, sendo este último uma forma de guia litúrgico para o serviço de adoração.

⁵ Archa O. Dart (org.). História de nossa igreja. Tatuí, SP: CPB, página 415.

Em 1945, foi lançada a revista My Bible Story (Minha História Bíblica), adequada às crianças do Rol do Berço. Em 1953, passou-se a publicar semanalmente a Junior Guide (Guia Juvenil), destinada aos Juvenis.

A fim de melhor atender a cada faixa etária, em 1957, a Our Little Friend (Nosso Amiguinho) estabeleceu-se como a lição do Jardim da Infância e Rol do Berço. Na ocasião, um periódico intitulado Primary Treasure passou a ser utilizado na classe dos Primários.

Outras datas são marcantes para a história da Escola Sabatina na segunda metade do século 20⁶. São elas:

- **1956** - publicação do primeiro manual da Escola Sabatina;
- **1982** - início da publicação da lição da Escola Sabatina para Adolescentes de 13 e 14 anos;
- **1995** - estabelecido o departamento da Escola Sabatina/Ministério pessoal;
- **2001** - Elo da Graça - lançado o currículo da Escola Sabatina para crianças.

QUADROS DE CRESCIMENTO⁷

A partir de 1878 as estatísticas de crescimento foram as seguintes:

Ano	Nº de ES	Membros	Ofertas (dólar)
1878	177	5.851	25.00
1880	451	11.821	2.784.35
1890	1.414	33.783	28.642.75
1900	2.334	50.804	46.794.40
1910	4.151	101.161	138.837.72
1920	6.151	195.653	1.441.962.40
1930	9.966	382.743	1.870.343.13
1940	14.817	618.507	1.765.277.38
1950	16.694	952.229	4.828.090.52
1960	22.617	1.682.983	8.162.705.43
1970	30.601	2.607.713	10.598.152
1980	41.906	4.144.386	16.356.170

⁶ Essas informações foram retiradas do Sabbath School Handbook, disponível em: <www.sabbath-school-personal-ministries.org/site/1/docs/SabbathSchoolHandbook.pdf>.

⁷ Esses dados foram retirados do Annual Statistical Report, de 1968, disponível em: <www.adventistarchives.org/DocArchives.aspx>.

1990	76.323	8.011.268	15.616.983
2000	120.865	14.513.424	9.622.709
2005	128.545	17.955.245	8.825.938
2006	131.892	19.199.944	10.034.443

Quadro 1: estatísticas de crescimento da Escola Sabatina (1978 - 2006).

Desde os primórdios da Escola Sabatina seu conteúdo litúrgico era enriquecido com hinos, orações⁸ e as lições eram diagramadas em forma de perguntas e respostas. Em 1978, a irmã Affolter preparou lições ilustradas e cânticos específicos para os Infantis. Toda sua produção para a igreja local, em Battle Creek, era publicada e distribuída às outras Escolas Sabatinas do país.

O horário inicial girava entre 8h45min e 9h, conforme referências quanto às campais em Ohio e a apresentação de uma Escola Sabatina Modelo, em Michigan⁹.

Ao que parece, uma atividade marcante era a memorização de versos bíblicos que deveriam ser apresentados ao(à) professor(a) a cada sábado. Em certa ocasião, uma garota decorou 892 versos em seis meses¹⁰.

No Brasil, as escolas filiais foram um dos meios mais eficazes para o plantio de novas igrejas na década de 1980. Hoje, temos oito tipos de lições em circulação no Brasil: Rol do Berço, Jardim da Infância, Primários, Juvenis, Adolescentes, Jovens, Adultos e Lição dos Adultos para os Professores.

⁸ Arthur Whitefield Spalding, *Origin and History of Seventh Day Adventists*. Washington, USA: Review and Herald Publishing Association, 1962, v.2, página 69.

⁹ *Ibid.*, página 73.

¹⁰ *Ibid.*, página 65.

O QUE FAZER COM ESTE CAPÍTULO?

(questões para serem discutidas na Comissão, na reunião de Anciãos ou na Classe dos Professores)

1. Citem 5 principais eventos e datas sobre a história da Escola Sabatina.
2. Citem 5 nomes de pessoas importantes na história da Escola Sabatina.
3. Analisem o quadro de crescimento da Igreja relacionado à Escola Sabatina. O que fazer para multiplicarmos o número de discípulos em nosso bairro ou cidade?
4. Qual a história, os pioneiros e eventos mais importantes relacionados a sua igreja local?

O QUE É A ESCOLA SABATINA?

Pr. José Luis Carvalho

O PROBLEMA

Após a verificação de um cenário que aponta crises no âmbito da Escola Sabatina, considero que um problema é sua operacionalização com a visão centralizada no ensino, ou seja, com apenas um pilar dos chamados objetivos da Escola Sabatina recebendo atenção técnica.

O OBJETIVO

Esta proposta visa reavaliar a cultura atual e nos conduzirá à libertação do que chamo de ditadura do ensino que atualmente aprisiona a Escola Sabatina. Para isso, desenvolvo reflexões que afetarão dois fatores relativos a este ministério: estrutura e essência.



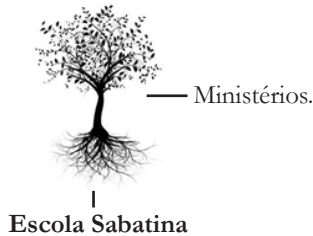
Ancionato, Secretaria, Tesouraria, Diaconato, Patrimônio.

Escola Sabatina, Ministério Pessoal, ASA, Ministério da Criança, Ministério da Família.

Mordomia, Ministério da Música, Ministério da Mulher, Ministério da Saúde, Desbravadores.

Pense nisto como a ilustração abaixo, representando a estrutura organizacional da igreja local:

O tronco, os galhos e as folhas estão frondosos, mas é da raiz que vem a força para tanta saúde. Em se tratando da Igreja, a proposta é que a Escola Sabatina seja esta raiz a partir de onde a vida flui.



Pensando assim, qual será o futuro da igreja?

Na Teologia, o conhecimento vem pela Revelação. Já na Filosofia, o conhecimento vem pela definição, sempre focando na pergunta: o que é isso?

Ou seja, o que é Escola Sabatina?

Historicamente, a Escola Sabatina é uma agência missionária firmada em quatro pilares: Confraternização, Testemunho, Missões Mundiais e Ensino.

Infelizmente, ela enclausurou-se na perspectiva do ensino e desace-lerou-se em relação ao uso das demais forças, se adequou à estrutura de uma escola formal, com regras rígidas onde cada aluno é avaliado e valorizado unicamente pelo estudo diário da lição, não necessariamente da Bíblia.

O professor, transformado no passador de lição, muitas vezes discursa de suas frustrações, pois o que seus discípulos menos fazem é estudar o Guia. O ponto positivo é que apesar de ser responsabilizado pelo esfriamento da presença e pontualidade dos crentes ele é insistente em sua vocação.

PROPOSTA

Numa nova visão, a Escola Sabatina será a base para o movimento da Igreja, substituindo de forma natural o conceito do professor por coordenador cuja função principal será cuidar de pessoas.

O coordenador promove a integração de todos na Unidade de Ação no que diz respeito aos pilares da Escola Sabatina. O seu papel é fundamental para a valorização da formação espiritual de cada discípulo, uma vez que promove o desenvolvimento de habilidades e dons.

Por ter um papel de grande responsabilidade na Igreja, ele deve estar em constante processo de formação por meio de cursos e leituras e em parceria com os líderes, pastores de demais colegas de ministério.

Podemos comparar o trabalho de um coordenador com o de um regente de orquestra, que conduz os músicos com gestos claros e faz com que trabalhem em união.

O perfil do coordenador é baseado em três funções: é um formador de opinião; é diplomático, articulador de relacionamentos que resultam em novos discípulos para o Reino; transformador do ponto de vista de empenho em ver mudanças que aproximem as pessoas de Jesus.

É ele quem vai ajudar os discípulos a entenderem quem são no universo Divino. Ele também os incentiva a buscar o crescimento por meio do estudo da Bíblia e em participação em cursos e palestras.

Entretanto, para que isso aconteça, o coordenador precisa ter essa atividade de forma exclusiva (uma vez professor, sempre professor).

A mudança paradigmática se justifica pela percepção de que apenas o ensino não resolve os problemas espirituais dos discípulos. A crise afastou os adventistas da missão local, da confraternização e do interesse pelas missões mundiais. Por exemplo, pergunte a sua Unidade de Ação para onde irão as ofertas missionárias deste trimestre e com quanto o grupo contribui semanalmente.

A crise afetou não somente a Escola Sabatina, mas estende-se aos cultos. Em certo sentido, a Igreja se tornou prisioneira de si mesma, de suas agendas, de suas reuniões. Daí verificamos que como o agrupamento só é visível no “Culto Divino”, vive-se a mornidão de um estado estático, essencialmente contemplativo e socialmente excludente.

O atual quadro da igreja apresenta um conjunto de programas e tarefas que nos sobrecarregam, perdendo assim a visão de que o mais importante a se fazer junto à igreja é o atendimento às pessoas e as suas necessidades.

EM QUE PONTO CRISTO ENTRA NESSA HISTÓRIA?

O ministério de Cristo, em contraste com o ministério dos fariseus, nos ajuda a entender a função do professor, agora coordenador, na estrutura da Escola Sabatina.

Analisando a forma da comunicação que Deus estabeleceu com a humanidade ao longo do tempo, vemos que no princípio Ele se utilizou de ritos e cerimônias, o que perpassou boa parte da história do Antigo Testamento. Aparentemente predominava a visão de um Deus transcendente, operando de longe, sempre sendo procurado nos altos montes (Salmos 68:16; 121; 134:13,14).

Contudo, uma mudança radical se fez necessária e aconteceu quando o próprio Deus decidiu mergulhar de vez na experiência humana através do processo inexplicável da encarnação. O ato foi uma das maiores decisões celestiais e afetou profundamente o conceito que se tinha sobre a Divindade, tornando perceptível a elevada importância que Ele dá à raça humana.

“E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (João 1:14).

Tal mudança comunica que para Deus o mais importante é o pecador. Logo, toda atividade dEle revela-se como sendo em função do ser humano.

Olhando para a encarnação O vemos se esvaziando de si mesmo, deixando Sua glória para servir os homens (Filipenses 2:5-11). Agora, o valor do ser humano é qualificado pela presença de Deus na Terra, fato inegável e o maior argumento do Seu amor por suas criaturas.

Tal revelação entrou em choque com a visão de liderança do sistema farisaico que priorizava os ritos, os programas, a hierarquia em detrimento das pessoas. A tentativa de se fazerem relevantes através do conhecimento e a constante afirmação de superioridade em relação ao povo era uma moda que arruinava a imagem de um Deus justo e amoroso.

Havia um abismo mortal entre a liderança farisaica e a liderança de Cristo.

Liderança de Cristo	Liderança farisaica
Liderança de abnegação	Liderança de superioridade
Foco: pessoas	Foco: rituais
Liderança de aproximação	Liderança de distinção (separação)
Liderança de conquista	Liderança de divergência
Liderança espiritual	Liderança organizacional
Sacrifício	Privilégio
Missão	Conservação
Atendimento por compaixão	Atendimento por mérito
Simplicidade	Ostentação
Forte visão da comunidade	Voltados para si mesmos

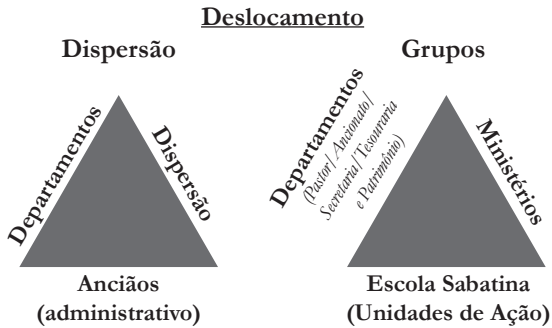
QUANDO ENTRAMOS NESTA HISTÓRIA?

Historicamente falando, a mãe de todos os ministérios da Igreja Adventista pode ser considerada a Escola Sabatina. Antes de termos um nome ou sermos organizados institucionalmente já éramos educados bíblicamente através da “lição da Escola Sabatina” (1852) e da própria estrutura ampliada a partir de 1853¹. Portanto, deve ser conservada como a base para a Igreja.

Quando aceitamos o chamado para sermos servos (Mateus 23:11,12; Lucas 22:27) a igreja passa a ser sustentada por este pilar. Assim, sendo a Escola Sabatina a raiz, nossas reuniões e nossos projetos estarão sempre focados em servir alguém, crente ou não.

A partir de Cristo deixaremos a visão antiga cuja atividade se operava na dispersão e autoridade de poucos. Migraremos radicalmente para a ideia de que a Unidade de Ação é a raiz produtora de servos e serviços para os demais departamentos/ministérios da Igreja.

¹ Um quadro histórico esclarecedor é obtido do livro de L. F. F. Plummer, *Early history of the Seventh-day Adventist Sabbath-school work*. Washington: Review & Herald, 1921.



Por fim, sugiro alguns passos para uma revolução estrutural que movimentará a Igreja unida e para a frente:

Para a Associação:

1. Priorizar o programa como o DNA da Associação;
2. Convocar reuniões por regiões administrativas (ELO) a fim de apresentar o projeto;
3. Mobilizar os pastores e os anciãos para organizarem as unidades da Escola Sabatina com o viés de Pequenos Grupos, usando critérios de afinidade ou geografia;
4. Incentivar que eleições na igreja local ocorram com base no perfil relacional e manifestação dos dons espirituais dentre os participantes da Escola Sabatina;
5. Promover a exclusividade da função de coordenador (professor) – uma vez coordenador, sempre coordenador;
6. Capacitar diretores e coordenadores para a fusão entre Escola Sabatina e Ministério Pessoal;
7. Propor a realização dos 10 Dias de Oração, Semana Santa, Impacto Esperança, Projeto Maná, Quebrando o Silêncio e Mutirão de Natal via as Unidades de Ação;
8. Promover vigílias e celebrações das Unidades de Ação em seus próprios endereços de encontros;
9. Promover congressos, feiras de realimentação motivacional para troca de experiências.

Para o Pastor Distrital:

1. Incentivar a igreja para equalizar a visão do ensino com a do serviço e reforçar constantemente o papel exclusivo do coordenador (professor) em relação às atividades da igreja;

2. Apresentar seminários no sábado pela manhã e na comissão sobre o papel do relacionamento no cumprimento da missão evangélica;
3. Ser o primeiro a chegar e o último a sair da igreja;
4. Frequentar a Classe dos Professores (Classe dos Coordenadores) todos os sábados;
5. Visitar prioritariamente os coordenadores eleitos e a direção da Escola Sabatina, fazendo o culto familiar com eles;
6. Participar de reuniões quinzenais com a equipe da Escola Sabatina;
7. Criar um calendário de atividades para a igreja em harmonia com a Escola Sabatina e orientar para que todos os líderes cumpram as etapas estabelecidas;
8. Frequentar os encontros das Unidades nos lares.

Para os Anciãos:

1. Apoiar a nova visão em todas as instâncias da igreja e incentivar a participação dos líderes nos seminários promovidos pelo pastor e pela Associação;
2. Ajudar o pastor a estabelecer a visão de exclusividade do coordenador (professor) em relação às atividades da Igreja;
3. Frequentar a Classe dos Professores (Classe dos Coordenadores) todos os sábados;
4. Visitar os coordenadores, juntamente com o pastor, realizando o culto familiar com eles;
5. Estar entre os primeiros a chegarem à igreja e os últimos a saírem;
6. Apoiar o pastor na integração da Escola Sabatina com o Ministério Pessoal;
7. Fazer a supervisão das Unidades de Ação, visitando os grupos nos lares;
8. Ser membro ativo nos encontros que as Unidades fazem nos lares;
9. Participar ativamente na realização das vigílias, congressos e celebrações das Unidades de Ação, respeitando o calendário construído pelo corpo de líderes da Igreja.

Para o Coordenador (Professor):

1. Ser exclusivamente Coordenador de Unidade com foco unicamente em cuidar dos discípulos, ensinando e inspirando todos para a missão;
2. Sua primeira tarefa é a visitação dos discípulos. Na visita, promover a espiritualidade ressaltando a importância do culto fa-

miliar, da assinatura da Lição da Escola Sabatina para todos os membros da família e apelando para que sejam assíduos no estudo diário da Bíblia por meio do guia;

3. Realizar o encontro semanal do grupo nos lares e promover atividades comunitárias, as duplas missionárias e a multiplicação de discípulos batizados;
4. Realizar os almoços da Unidade, cultos de pôr do sol, evangelismos públicos e passeios recreativos.

O QUE FAZER COM ESTE CAPÍTULO?

(questões para serem discutidas na Comissão, na reunião de Anciãos ou na Classe dos Professores)

1. O que vocês pensam sobre a Escola Sabatina como sendo a raiz que oferece energia para os demais ministérios da Igreja?
2. Em sua Igreja os relacionamentos são mais voltados à liderança dos fariseus ou voltados à de Cristo que se baseava no serviço ao próximo?
3. Liste as 5 principais ideias do artigo.
4. Faça uma declaração do que estão dispostos a fazer para que a Escola Sabatina seja mais relevante em sua igreja.

OS PILARES DA ESCOLA SABATINA

Pr. Almir de Souza

O CORAÇÃO DA IGREJA

Certa ocasião estava numa reunião domiciliar conversando sobre a importância da Escola Sabatina para a Igreja e alguém em meio à conversa disparou: “se a Escola Sabatina é o coração da Igreja deve ser ela saudável e livre de qualquer ameaça, pois o coração é o único órgão do corpo que não é afetado pelo câncer”.

De fato, você já ouviu falar de câncer de coração? Existem mais de 200 tipos de cânceres, mas de coração nunca ouvi falar. Segundo especialistas (oncologistas), os tumores originados do coração representam 0,05% das ocorrências de câncer. Por isso não são falados, porque são praticamente inexistentes¹.

¹ Fonte: Dr. Humberto Rigon Junior (CRM 33925). Especialista em Medicina Intensiva Publicado no site accamargo.org.br em 21/09/2016.

Conforme publicação da revista Super Interessante ² “a baixa incidência se deve ao tecido muscular que compõe o órgão. Ao contrário de outras partes do corpo, as células do coração encerram o ciclo de divisão muito cedo na vida. A partir daí o órgão cresce conforme as células aumentam de tamanho. Sem divisão celular, é quase zero a chance de haver uma multiplicação desordenada de células, que é justamente o que caracteriza o câncer”.

Mas o que isso tem que ver com o coração da Igreja, que chamamos de Escola Sabatina? Antes de responder reflita no que Ellen G. White fala no livro Conselhos sobre Escola Sabatina³:

A Escola Sabatina, **quando bem dirigida**, possui maravilhoso poder e se destina a realizar uma grande obra, **mas presentemente não é o que deveria ser**. A influência que emana da Escola Sabatina **deve melhorar e engrandecer a igreja**; mas em caso algum jamais se deve permitir que ela se desvie dos interesses da igreja (grifo nosso).

A Escola Sabatina é uma agência formadora de discípulos em 4 pilares: Confraternização (Relacionamento), Testemunho (Evangelificação Local), Missão Mundial e Ensino. Nestes encontramos o interesse máximo da Igreja, que é conduzir pessoas ao Reino de Deus.

ENSINO

Você sabia que se estudar as lições da Escola Sabatina por aproximadamente 10 anos terá obtido conhecimento bíblico pertinente às diversas disciplinas de uma faculdade de teologia? Em 5 anos de estudo regular a pessoa terá conhecido praticamente todas as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista.

² O texto é baseado em fontes do médico Cristiano Guedes Duque, Oncologista do Instituto Nacional do Câncer. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/blog/oraculo/por-que-nao-se-ouve-falar-em-cancer-no-coracao/>>.

³ Veja mais sobre este assunto em Ellen G. White. Conselhos Sobre Escola Sabatina. 6.ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999, página 9.

Talvez seja por isso que o pilar do ensino é o objetivo mais executado na Escola Sabatina. A cada sábado o professor vai a sua unidade “passar a lição”. É óbvio que para termos um coração saudável ele não deve bombear sangue por uma única artéria. Na Igreja, esta (do ensino) deve ser bem irrigada, porém não supervalorizada.

Um grande desafio para harmonizarmos o exercício das bases da Escola Sabatina é fazermos com que cada professor se torne um discipulador e não um mero “passador de lição”. Quando abandonar a ideia de apenas dar sua aula semanal e olhar seus discípulos com mais compaixão manterá um relacionamento íntimo com eles em tempo (todos os dias da semana) e espaço (no lar, em um restaurante, em uma caminhada).

CONFRATERNIZAÇÃO

Cumprindo este papel, a Escola Sabatina “bombeará” sangue (vida) para toda igreja e para a comunidade onde está inserida.

A confraternização, que preferimos chamar de relacionamento, tem como propósito criar vínculo entre os discípulos veteranos, entre os mais novos e os amigos que conhecem Jesus através destes. Portanto, não dá para aceitar a crença de que é possível criar vínculo e desenvolver amizades cristãs nos encontrando uma vez por semana e nos confraternizando por “longos” 10 minutos sabáticos.

Em se tratando de relacionamento é de vital importância que a Escola Sabatina não comece e termine no sábado, mas que aconteça de sábado a sábado. Ou seja, a semana inteira, em todos os lugares, seu conteúdo teológico e social deve permear cada discípulo por meio do pastoreio de anciãos e professores e também nos Pequenos Grupos.

Na realidade, o propósito final desse pilar é que a igreja não tenha apenas um pastor, mas vários. Neste caso, cada discípulo será cuidador do seu irmão e olhará para o professor como alguém a ser cuidado também. E nisto toda a Unidade será reconhecida pelo amor de uns para com os outros (João 13:34-35).

Em suma, as Unidades precisam se encontrar tanto para o estudo da Bíblia como para a celebração de conquistas, tais como: a saúde, o trabalho, um novo filho, mais um ano de vida, dentre outras alegrias.

TESTEMUNHO

Este pilar envolve o cumprimento da missão de Deus. Tem que ver com a igreja sendo espiritualmente relevante onde foi plantada. Não se trata apenas do testemunho pessoal, mas do dever que a igreja tem de pregar o evangelho através de todo o seu agrupamento.

Ao retomarmos o movimento missionário através da Escola Sabatina os discípulos ressurgirão com seus mais fortes dons para a evangelização. Pense e reflita: qual dia de culto vem em sua mente quando você pensa em levar um amigo à Igreja? Chegando lá, qual é a impressão que ele terá quando se deparar com a Escola Sabatina? Como será recebido? Com quantas pessoas será envolvido? E, por último, depois desta experiência ele voltará outras vezes?

Agora vamos mudar, pense no mesmo amigo e reflita: qual o melhor dia da semana para levá-lo ao encontro da Unidade de Ação em sua casa? Chegando lá qual impressão ele terá da sua igreja? Como ele será recebido? Com quantos discípulos seu amigo passará a se envolver? Será que ele desejaria voltar ao seu lar outras vezes?

No Novo Testamento, a palavra “testemunho” vem do grego *martú- rion*, que deriva a palavra “mártir” em português. Esta é uma pessoa que dá sua vida por uma ideologia. Portanto, quando tratamos de testemunho (missão) estamos falando de dar a vida por uma causa – por pessoas. Estamos falando de amor, de sacrifício, de salvação, enfim, do Reino de Deus.

Em Atos 1:8, quando Jesus fala de sermos suas testemunhas Ele condiciona a ação ao curso geográfico – Jerusalém, Judéia, Samaria, Confins da Terra. Ou seja, o movimento acompanhado de uma causa comum é o que se transformará na essência da prática de testemunhar da Igreja, por meio das Unidades de Ação.

VISÃO MUNDIAL

A mensagem bíblica de salvação é para o mundo inteiro (Mateus 24:14; 28:18-20; Apocalipse 14:6). Por isso, este pilar não pode servir apenas para ser lembrado nas cartas missionárias ou no 13º sábado. Ele é um impulsor de discípulos que se constroem por amor a Cristo. Veja o que Ellen G. White ⁴ diz:

⁴ Ellen G. White. *O Desejado de Todas as Nações*, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013, página 823.

Cumpra não perder de vista a ordem: ‘Ide por todo mundo’. **Somos chamados a erguer os olhos para as terras distantes.** Cristo derruba o muro divisório, os separadores preceitos de nacionalidade, ensinando amor por toda a família humana. Ergue os homens de estreito círculo que o egoísmo lhes prescreve; apaga todas as fronteiras territoriais e as artificiais distinções de classe. Não faz diferença entre vizinhos e estranhos, amigos e inimigos. **Ensina-nos a olhar a toda alma necessitada como nosso irmão, e o mundo como nosso campo** (grifo nosso).

OUTROS PAPÉIS DA ESCOLA SABATINA

Além desses 4 objetivos já estabelecidos, a Escola Sabatina pode desenvolver outros propósitos, tais como: formar novos líderes, desenvolver o discipulado cristão e plantar novas congregações.

Formar Novos Líderes

Considerando o papel do líder como um motivador e influenciador, cada professor deve exercer estes papéis potencializando o surgimento de novos candidatos a partir da delegação de funções dentro da própria estrutura da Unidade de Ação. Por exemplo, um discípulo poderá ser indicado dentro do grupo para dirigir ou coordenar um encontro relacional, planejar um projeto social ou missionário.

O movimento da Escola Sabatina não pode ficar engessado sobre a figura de poucas pessoas, principalmente sobre a do professor. Todos devem estar envolvidos na Missão.

Discipulado Cristão

Alguns condenam o discipulado considerando-o um ministério exclusivamente pessoal. Todavia, ele deve ser compreendido também sob a plataforma coletiva. Neste caso, os discípulos em uma Unidade de Ação aceleram o amadurecimento espiritual uns dos outros e se multiplicam através do testemunho de todos.

A palavra “discípulos” é melhor ilustrada como alunos assentados ao redor de um professor, ao contrário de penitentes ajoelhados sob um altar. Então, discipulado é mais um processo educacional do que

um evento, mas que pode ocorrer dentro disto.⁵ Desse modo, o que é requerido de um discípulo é que se aproxime de outras pessoas e se torne para elas um modelo de Cristo.

Plantio de Igrejas

Imagine sua Unidade de Ação colocando em prática o conceito do trabalho social, amoroso e humanitário em um bairro sem presença adventista, num período de 1 ano. Que impacto isso causaria nessa nova comunidade? No mínimo os moradores vão perguntar que igreja é esta. E muito provavelmente vão querer a presença dela por ali.

Quando a Unidade de Ação se estabelecer no bairro, com o propósito de plantar uma nova igreja, novos interessados da região serão trazidos para o discipulado. Além disso, nascerá uma igreja saudável e focada no amor cristão.

Plantio de igrejas deve ser um propósito primordial para uma Unidade de Ação (o próprio nome sugere um movimento de multiplicação) que queira ser de fato uma agência ganhadora de almas.

CONSIDERAÇÕES

Ao considerar tudo isso, conclui-se que a Escola Sabatina é mais que um programa e não meramente um departamento da igreja local. Dela surgem atividades, pessoas, projetos. Ela é o coração que irriga outros órgãos do corpo de Cristo, transmitindo vida e mantendo a saúde e vitalidade.

Há sagradas responsabilidades confiadas aos obreiros da Escola Sabatina, e esta deve ser o lugar em que, por meio de viva comunhão com Deus, homens e mulheres, jovens e crianças sejam preparados para ser uma força e bênção à igreja. Tanto quanto sua capacidade o permitir, devem ir de força em força, ajudando a igreja a avançar para cima e para frente (E. G. White, Conselho sobre a Escola Sabatina, p. 11).

⁵ Russell Burrill, *Discípulos Modernos: o desafio de Cristo para cada membro da Igreja*, Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006, página 27.

O QUE FAZER COM ESTE CAPÍTULO?

(questões para serem discutidas na Comissão, na reunião de Anciãos ou na Classe dos Professores)

1. Quais são os pilares da Escola Sabatina para a Igreja Mundial? Explique cada um deles.
2. Em sua Igreja, qual é o pilar mais enfatizado? Justifique.
3. Liste as 5 principais ideias do artigo.
4. Faça uma declaração do que estão dispostos a fazer para que os pilares sejam todos vividos em sua Igreja.



A ESTRUTURA DAS UNIDADES DE AÇÃO: uma perspectiva de Comunhão, Relacionamento e Missão

Pr. Paulo Cesar Nogueira

Historicamente, dentro da identidade adventista, o Espírito Santo nos faz entender que a melhor estrutura para que a igreja viva em comunhão, valorize os relacionamentos e se apaixone pela missão é a através das unidades da Escola Sabatina.

Dentro da nossa estrutura organizacional compreendo 3 coisas:

1. Não avançamos sem o total envolvimento do ancionato no processo;
2. A chave do êxito da Escola Sabatina é o professor;
3. Mudar a maneira como temos sido igreja e, conseqüentemente, como temos conduzido a Escola Sabatina dá muito trabalho, mas Deus está totalmente disposto a honrar nossos esforços.

Quando o ancionato abraça a visão de que podemos ver a igreja crescer em Comunhão, Relacionamento e Missão através da Escola Sabatina todos os demais líderes começam a observar um redirecionamento espiritual em sua comunidade de fé.

A proposta não é mais um projeto, mas o resgate do caráter missional da igreja que, reavivada, passa a adorar a Deus em tudo e com todos. Isto tem que ver com a salvação de pessoas e o preparo delas para a VOLTA

DE JESUS. Ocorre com os cristãos vivendo em amor, em serviço - existir em favor ou para abençoar o próximo e em sacrifício do eu.

Através de grupos menores, Unidades de Ação, sem o engessamento das hierarquias, os líderes poderão revelar quem são e compartilhar de sua humanidade.

Não dá para viver sem se relacionar e os líderes precisam convocar sua igreja não apenas para realizarem tarefas, mas para se realizarem em comunhão, relacionamento e missão. Porém, não dá para desenvolver o caráter de Cristo sendo igreja uma vez por semana, só no culto de sábado, consumindo sermões, músicas e orações.

PRATICANDO MAIS COMUNHÃO, MAIS RELACIONAMENTO E MAIS MISSÃO NA ESCOLA SABATINA

1. Com ajuda da secretaria da igreja verifique quantos e quais membros não estão registrados como ativos nos encontros da Escola Sabatina.
2. Apresentar sermões falando da importância do ensino e de se fazer parte de um grupo de relacionamento da Escola Sabatina, incluindo o valor de se encontrar para o estudo da lição.
3. Os anciãos realizam um movimento de visitação aos membros motivando-os para o estudo da Lição e apelando para que façam parte ativa de uma Unidade de Ação.
4. Separar, no mínimo, 2 sábados de matrículas e rematrículas nas Unidades da Escola Sabatina.
5. Dar aos membros a liberdade de escolherem a Unidade e o respectivo professor, conscientizando-os que as ações desenvolvidas pelo grupo têm viés missionário e requererá sacrifício quanto ao tempo e finanças pessoais.

PROPOSTAS

Formando a Unidade de Ação – considerar tanto o endereço de cada membro como suas afinidades. Deixar definido que cada Unidade teria momentos contínuos (semanais ou quinzenais) de reuniões nos lares ou ambientes informais (praças, lanchonetes, shoppings). A ideia é termos, no mínimo, o encontro sabático na igreja (Escola Sabatina) e um encontro durante a semana (Pequeno Grupo).

Conscientizar toda a igreja e apelar para que todos cooperem com este propósito. Em alguns casos, deve-se levar em conta o fator afinidade e caprichos pessoais (tradição e outras manias). Porém, a essência deve ser mantida, senão não haverá mudanças profundas. E qual é a essência? No DNA da Unidade deve estar a ênfase da Comunhão, Relacionamento e Missão. E, lembre-se: a verdadeira dificuldade não está em aceitar ideias novas, mas em se livrar das antigas.

Publicamente, cada líder acompanhado de sua Unidade se compromete a estabelecer um grupo de relacionamento (Pequeno Grupo ou Antiga Escola Sabatina Filial) que deverá funcionar semanalmente ou quinzenalmente.

ESTRUTURA FUNCIONAL

1. Cada unidade de comunhão, relacionamento e missão terá um ancião. Ele é o pastor do grupo e responsável em pastorear a unidade, liderando seus membros. Sempre que necessário, quando uma nova Unidade de Ação for aberta, a Igreja deve nomear mais anciãos. Isto garante que cada discípulo tenha a experiência de ser pastoreado.
2. Cada Unidade terá um professor(a) responsável em se preparar bem para ensinar a lição e acompanhar o ancião no pequeno grupo.
3. Cada Unidade pode ter um(a) relações públicas responsável em receber e acolher as visitas que chegam no sábado pela manhã, conduzindo-as às reuniões externas – lares ou ações sociais.
4. Cada Unidade terá um(a) secretário que faz as anotações a cada sábado, transmite os anúncios, entra em contato com os ausentes e secretaria o grupo nas reuniões externas também.
5. Cada Unidade precisa de um promotor missionário. Essa pessoa é responsável em prover material missionário e juntamente com o ancião, o professor, o relações públicas e o secretário, planeja os projetos evangelísticos para o grupo. Seu trabalho é em parceria com o diretor do Ministério Pessoal da igreja.

Quanto mais pessoas envolvidas, mais pessoas serão desenvolvidas em sua fé e em seus dons. Esse modelo é bíblico, funcional, inclusivo, eficaz e facilitador, pois quanto mais a igreja se relaciona melhor será sua adoração e mais efetiva sua prática missionária.

O pastor Amin Rodor, na Meditação Matinal de 13/02/2014, tratando de como se manter seguro no mundo atual, faz algumas interessantes sugestões: “Evite dirigir ou estar em automóveis. Eles são responsáveis por 20% dos acidentes. Cuidado enquanto você está em casa: 17% de todos os acidentes acontecem aí. Esteja alerta ao caminhar em ruas e calçadas. Saiba que 14% dos desastres acontecem a pedestres. Evite viajar de avião, trem ou navios, pois 16% de todos os acidentes envolvem essas formas de transporte. O restante dos acidentes, somando 33%, ocorrem nos hospitais. Assim, sobretudo, evite os hospitais. Mas, você ficará feliz em saber que de todas as mortes apenas 0,01% ocorrem durante serviços de culto na igreja, e essas estão relacionadas com desordens físicas do prédio.

Assim, o lugar mais seguro para uma pessoa, em qualquer circunstância, é a igreja, seja a sua reunião em um galpão, em um prédio, em uma casa, em uma praça. Então, imagine se a adoração for onde você estiver e com quem estiver. Quanto mais sua Unidade de Ação se movimentar pela cidade, mais as famílias estarão seguras.

O fracasso espiritual de uma Unidade de Ação começa quando seus membros deixam de se reunir nos horários extraculto e, portanto, tendem a deixar de congregar para a Celebração sabática. Casos assim subtraem os atos de serviço ao próximo e atrofiam a manifestação dos dons do Espírito em sua comunidade.

Lembre-se que a decisão de seguir Jesus é individual, mas a caminhada cristã envolve relacionamento com os demais membros do Seu corpo. O cristianismo autêntico não é uma experiência solitária e as Escrituras descrevem vida fora do corpo de Cristo. Se o discipulado deve ser mantido, expandido e compartilhado, quanto mais vezes nos reunirmos com a igreja, adorar e servir será uma experiência insubstituível.

Deus nos chamou para sermos instrumentos na edificação de cada membro da Igreja e na conquista de novos discípulos. Quando vivemos esta missão em Unidade somos mais fortes, andamos mais rapidamente e celebramos a vitória juntos.

Resumindo, tudo isto será possível em sua Igreja se for acompanhado de:

- Muita oração – criar o clima de autêntica espiritualidade e cuidado uns com os outros;
- Se cada ancião assumir a responsabilidade por uma Unidade da Igreja e do lar;
- Se houver perseverança e constante avaliação para corrigir as falhas com amor cristão.

O QUE FAZER COM ESTE CAPÍTULO?

(questões para serem discutidas na Comissão, na reunião de Anciãos ou na Classe dos Professores)

1. Qual é a função do ancião na Escola Sabatina?
2. Quais ações sua igreja precisa tomar a fim de ter as Unidades de Ação funcionando como Pequenos Grupos?
3. Liste as 5 principais ideias do artigo.
4. Use alguns minutos para reestruturar as Unidades de Ação de sua igreja de acordo com as sugestões do artigo.



A UNIDADE DE AÇÃO E OS MINISTÉRIOS DA IGREJA: uma proposta urgente de ressignificação

Pr. Ronaldo Bento do Amaral

UM CHAMADO A UMA VIDA EM COMUNIDADE

O ser humano precisa viver em comunidade para ser completo, pois não nascemos para viver em solidão. Nosso Deus vive em uma comunidade divina (Pai, Filho, Espírito Santo), e em Cristo experimentamos a extensão do Seu poder relacional. Profeticamente, não é bom que vivamos só.

Quando pensamos na Igreja, na perspectiva da Escola Sabatina, os grupos pequenos formam uma metodologia que fortalece os elos fraternais enfraquecidos à medida que ocorre o acréscimo de novos discípulos. Quando em movimento, nossas Unidades de Ação nos mantêm conectados geográfica e espiritualmente.

Estarmos juntos é um clamor do nosso ser. Em grupos somos ouvidos, percebidos, cuidados e compartilhamos sonhos. Em Unidades de Ação, dentro ou fora do prédio de reuniões públicas da igreja, fortalecemos nossa fé, alinhamos as crenças bíblicas, fazemos festas pelas conquistas de cada um, testemunhamos da dor e dos milagres, intercedemos uns pelos outros e ratificamos nossa participação na missão de Deus.

Jesus chamou 70 e os enviou para que preparassem o caminho por onde Ele ministraria aos corações (Lucas 10:1-24). Convocou 12 dis-

cípulos, deu-lhes o exemplo e conferiu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios e doenças (Lucas 6:12-19). Com 3 destes manteve um relacionamento mais íntimo entendendo que há segredos que só podem ser entendidos por grupos menores (Lucas 9:28-36).

Respeitadas as proporções geográficas por onde Ele andou, percebe-se que Jesus tinha um foco claro e usava diferentes estratégias para resgatar os perdidos. O fato é que ele envolvia todos na missão, tornando-os dependentes de Deus e uns dos outros (João 13:34,35).

A igreja, em sua estrutura organizacional, nos insere em uma comunidade de amor, de crescimento espiritual e companheirismo. Estrategicamente, as Unidades de Ação provocam nossa percepção do outro, principalmente do que ainda não é discípulo. Em se tratando da Igreja Adventista, os Aventureiros e Desbravadores há décadas sustentam suas atividades e crescimento sob o princípio da Unidade em grupos. E, conseqüentemente, sua tendência sempre foi o crescimento em quantidade e relevância social e espiritual para diferentes gerações.

A vida em comunidade é um padrão divino e a igreja surgiu para cumprir este mandamento ¹. Este princípio nos tira do isolamento e nos projeta para o serviço ao próximo. Ministrando na vida dos relacionados a nós nos submete ao poder do Espírito Santo que nos impulsiona com Seus dons.

Sendo assim, o existir da igreja deve superar a índole da departamentalização e se submeter ao poder da diaconia, do ministério, do serviço, enfim, dos dons.

OS MINISTÉRIOS DA IGREJA

Os líderes são dotados de talentos espirituais a fim de servirem ao seu semelhante. Todavia, em se tratando de Unidades de Ação, entendemos que as reuniões nos lares, nas ruas, em empresas, desvendam a manifestação da diversidade de dons que o Espírito dá ao Seu povo.

Neste caso, os departamentos/ministérios servem para organizar enquanto as Unidades de Ação servem para movimentar o povo e revelar seus dons. Através delas novos líderes são descobertos e preparados para desafios maiores do que os limites naturais impostos por seu pequeno grupo.

¹ Russell Burrill. Como reavivar a igreja do século 21: o poder transformador dos pequenos grupos. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005, página172.

A etimologia do termo Dons Espirituais tem sua origem do grego Pneumatikon que significa “as coisas do Espírito”. Ou *Charismaton* (de Charis, “graça”), visto como uma ação: Benefício ou Dom das palavras *Charis* (graça) e *Pneuma* (espírito), assim obtemos *Charisma* (dom ou presente)².

Os dons são habilidades especiais conferidas pelo Espírito Santo ao cristão em serviço social a fim de promover o crescimento dos indivíduos mental, física e espiritualmente. São resultantes de um relacionamento profundo e contínuo com o Ser Divino que está conosco (João 14:16; 1 Coríntios 6:19). Aperfeiçoam as pessoas e, conseqüentemente, o fruto de suas vontades (Efésios 4:12,13).

Ao se pensar no âmbito da Igreja, conclui-se que talentos humanos não transformam ninguém em membro do corpo de Cristo. Há diversas competências que podem ser usadas para o ganho próprio, para causas humanitárias, ou seja, para a própria sobrevivência. Mas, os Dons Espirituais estão reservados exclusivamente para os cristãos que investem sua existência para que outros passem a existir no reino de Deus.

Nenhum incrédulo tem um Dom Espiritual, mas cada verdadeiro crente, batizado na água e pelo Espírito, viverá sob a égide do querer e efetuar de Deus (Filipenses 2:13). Salientando que conforme a vontade do Espírito Santo os talentos natos podem ser transformados em dons por ocasião da conversão e união ao corpo de Cristo.

É de grande importância que cada membro procure com zelo os melhores dons espirituais e passe a servir seus semelhantes, dentro ou fora da esfera da igreja (1 Pedro 4:10). Os dons espirituais são as aptidões, capacidades ou habilidades espirituais, individuais ou coletivas que Deus dá aos seus discípulos para a organização e potencialização do movimento do Seu Corpo.

Em síntese, o problema da igreja não é se organizar em departamentos e sim ter líderes eleitos sem terem passado pelo crivo do Espírito Santo que usa a comunidade da Igreja para atestar sua utilidade espiritual. Ou seja, o problema é ter pessoas nomeadas pelo talento sem terem sido indicadas pelo dom espiritual.

² Alfonso Valenzuela. O Essencial sobre os Dons Espirituais. São Paulo: Interprise Produções Ltda, 2002.

Diante da diversidade de dons manifestados pelo Espírito Santo, quando a igreja se organiza em Unidades de Ação, agindo como grupos relacionais, há a confirmação de que todos são úteis e que não limitamos o movimento dEle por meio de projetos ou organizações exclusivamente humanas.

UMA RESSIGNIFICAÇÃO ESTRUTURAL

O verbo ressignificar é transitivo e caracteriza uma ação, uma mudança na percepção dos acontecimentos do mundo e da igreja. Assim, o paradigma proposto é que a eleição de líderes ocorra a partir dos dons revelados dentro da Unidade de Ação.

A limitação do paradigma antigo é que ele escraviza as pessoas a um padrão comportamental construído em uma linha hierárquica que denota poder e competitividade. Nesse modelo, acaba-se crendo que o cumprimento da tarefa é a realização da missão. Neste caso, os processos ou métodos são mais importantes do que as pessoas. Por isso, quanto mais atividades e menos relacionamento maior a sensação de utilidade dos poucos que são vistos em ação.

Quando a agenda é mais importante do que o sorriso, o abraço, a oração ou o estudo da Bíblia, nos perguntamos se somos igreja ou empresa. Por isso, movimentar a Igreja a partir da Unidade, dos grupos relacionais, é cumprir o viés representativo pelo qual o movimento adventista sustenta sua organização (Êxodo 18).

A Igreja centrada em Cristo tem líderes que servem como resposta ao fato de também serem servidos (Atos 6). Assim, é urgente o distanciamento de metodologias eclesiais centradas em metas, alvos e programas que não envolvem todos em missão e todos (não discípulos) na missão.

É hora de reformar conceitos descartando a ideia de que a Igreja já está organizadamente pronta a fim de experimentarmos a perspectiva bíblica de que estamos em constante processo de aperfeiçoamento tal como qualquer outro organismo vivo.

Os dois textos abaixo, de autoria de pioneira adventista Ellen G. White³ nos ajudam a entender o porquê de uma ressignificação:

³ Ellen G. White. Serviço Cristão. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003, páginas 7-11.

Alguém tem de cumprir a comissão de Cristo; alguém tem que levar avante a obra que Ele começou a fazer na Terra; e esse privilégio foi concedido à igreja. Para este fim foi ela organizada. Por que, pois, não aceitaram os membros da igreja a responsabilidade? [...] A igreja de Deus é o recinto de vida santa, plena de variados dons e dotada com o Espírito Santo. Os membros devem encontrar sua felicidade na felicidade daqueles a quem ajudam e abençoam. Maravilhosa é a obra que o Senhor Se propõe realizar por intermédio de Sua igreja, a fim de que Seu nome seja glorificado.

Em síntese, sugerimos que a Escola Sabatina, no âmbito das Unidades de Ação, é um bom caminho para a transformação e unificação do sistema de departamentos frente aos princípios bíblicos de discipulado baseado em serviço/dom espiritual.

O QUE FAZER COM ESTE CAPÍTULO?

(questões para serem discutidas na Comissão, na reunião de Anciãos ou na Classe dos Professores)

1. Qual é o dom espiritual de cada líder da igreja?
2. Cada participante desta reunião terá 1 minuto para citar o nome de todos os discípulos de sua Unidade de Ação.
3. Liste as 5 principais ideias do artigo.
4. O que seria necessário para que os líderes da Igreja fossem eleitos a partir dos dons espirituais demonstrados junto às Unidades de Ação?

A UNIDADE DE AÇÃO E O PASTOREIO CRISTÃO

Pr. Djalma F. Alves

a Escola Sabatina ocupa uma posição de proeminência na estrutura da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Não apenas na agenda da Igreja local - espaço e tempo significativos na programação semanal, mas especialmente na estrutura organizacional - na busca de desenvolvimento e integração teológica e na abrangência da missão mundial.

PROEMINÊNCIA

Nenhum outro ministério ocupa tanto tempo, espaço, energia e envolve tanta gente ao redor do mundo com tamanho impacto financeiro. Tal proeminência, no entanto, não é bem compreendida ou aproveitada quanto poderia e deveria. Observa-se, trimestralmente, muito “desperdício” de conceitos e conclusões que não são transformados em projetos práticos na vida de indivíduos, famílias e comunidade em geral. Há um vácuo entre o tema estudado e a prática de vida, por que falta um projeto pedagógico orientador.

Um exemplo bem clássico desse vácuo é o Pastoreio aos discípulos das Unidades de Ação. Discípulos, quem são estas pessoas? Como é seu entorno familiar, social e cultural? De onde vem? Quais são os

seus sonhos? Qual é sua visão e entendimento da Comunidade que o envolve? Para responder a essas e outras perguntas é necessário redirecionar, formar e equipar o professor e seus associados para atenderem seus irmãos em Cristo. Infelizmente, a Escola Sabatina atual ocorre em função do programa semanal; da Lição e do horário tradicionalmente estabelecido para quase todo o mundo.

FOCO NO CUIDADO DE PESSOAS

O pastoreio de discípulos deve ser o grande e maior desafio a ser conquistado nesse ministério. Parafraseando Jesus (Marcos 2:27), a Escola Sabatina, a Lição, o Programa foram feitos por causa do discípulo e não o contrário.

Christian A. Schwarz¹ enfatiza que “grupos familiares são o lugar natural em que cristãos, com os seus dons, aprendem a servir os outros participantes – membros ou não – do grupo”. Este é o conceito básico do que precisa acontecer em nossas Unidades. Um espírito de “servir” uns aos outros, cuidando de necessidades físicas, mentais e espirituais. Isto é pastoreio.

Ele prossegue: “A multiplicação planejada desses pequenos grupos é facilitada pelo fato de esses grupos produzirem constantemente novos líderes”.² Pastorear a Unidade resultará na formação de novos líderes, no desenvolvimento humano de discípulos.

DISCIPULADO

Em outras palavras, pastoreio é Discipulado. “No contexto dos grupos familiares acontece aquilo que está por trás do conceito discipulado: transferência de vida em vez do estudo de conceitos abstratos”.³

Você percebe que a Unidade de Ação da Escola Sabatina, através de seu professor e discípulos, possui um potencial extraordinário para pastorear, no sentido de partilhar vida, apoiar e orientar? O que falta mesmo é uma estratégia para o cuidado e o atendimento organizado às pessoas e famílias de cada grupo.

¹ Christian A. Schwarz. O Desenvolvimento Natural da Igreja. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2001, página 32.

² Idem.

³ Idem.

Em maio de 2007, a Comissão interna da Divisão Sul-Americana votou um documento específico sobre Pequenos Grupos e sua proposta de estilo de vida para a igreja “como a base para a comunidade relacional, crescimento espiritual e cumprimento integral da missão de acordo com os dons espirituais”⁴. Portanto, ao mudarmos o foco para o atendimento aos anseios humanos formaremos novas dinâmicas de relacionamentos baseados no amor paciente, tolerante, perseverante.

COMPETÊNCIAS

Muitas vezes nos preocupamos se os líderes da Escola Sabatina estão preparados para pastorear pessoas em um mundo tão complexo e desafiador. E é uma preocupação justa porque esta é uma habilidade rara, de origem espiritual e que requer muita maturidade. Afinal, liderança espiritual é construída com autoconhecimento e conhecimento do Alto. Ou seja, é necessário estudarmos na psicologia sobre como o ser humano pensa, sente e interage socialmente. Mas, é obrigatório que se estude a Bíblia e extraia dela o melhor do estilo de liderança de cada homem ou mulher usados por Deus para a condução do Seu povo ao Reino dos Céus.

Como diz Ellen G. White⁵, “o sucesso não depende tanto de talento, quanto de energia e boa vontade. Não é a posse de esplêndidos talentos que nos capacita a prestar serviço aceitável; mas a conscienciosa realização dos deveres diários, o espírito contente, o interesse sincero e sem afetação no bem estar de outros. Na mais humilde sorte pode ser encontrada verdadeira excelência”.

Em resumo as competências essenciais, imprescindíveis ao ministério pastoral, leigo ou não são: motivação, boa vontade, conscienciosa realização dos deveres, espírito contente, interesse sincero no bem do outro.

O pastoreio na Unidade de Ação implica no “aperfeiçoamento dos santos, para o desempenho do seu serviço, para edificação do corpo de Cristo” (Efésios 4:12).

⁴ Idem.

⁵ Ellen G. White. Profetas e Reis. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1981, página 219.

Acrescento aqui a importância dos dons espirituais, como uma competência a ser buscada com oração e planejamento. Christian Schwarz⁶ observou “que cristãos que vivem de acordo com seus dons espirituais, não trabalham pelas próprias forças, mas o Espírito de Deus trabalha neles. Assim, pessoas bem normais podem efetuar tarefas bem especiais”.

Pastorear é um dom espiritual, portanto cada professor e discípulo da Unidade deve buscar do Espírito Santo a unção propícia para o exercício de uma tarefa tão nobre que é fundamentada na forma como Deus atende Seu Povo (Salmo 23; João 10).

Para refletir: você é um professor da Escola Sabatina por ter recebido a credencial pastoral da parte do Espírito ou por gosto pessoal?

DICAS

1. Estude e prepare palestras bem elaboradas e planejadas para orientar os discípulos da sua Unidade de Ação sobre dons espirituais;
2. Inicie um movimento de cuidados pessoais em sua igreja. Comece a perguntar aos discípulos da sua Unidade como estão e demonstre interesse por eles. Ofereça um convite para almoçar em sua casa. Aproveite o almoço para conversar sobre a importância de cuidarem uns dos outros em seu grupo. Leiam Atos 2:42-47 e orem para que mais gente participe disso;
3. Envolver todos os professores e discípulos da Escola Sabatina no mesmo movimento. Se não demonstrarem interesse, insista, e lembre-se que “a Escola Sabatina e a Lição existem por causa do discípulo e não o contrário”;
4. Organize junta painéis entre Unidades. Quando a igreja se encontra ao redor da mesa Cristo tem prazer em participar e abençoar (Atos 2:42-47; 6:1-6; Apocalipse 3:20). Aproveite o tempo para marcar encontros de estudos da Bíblia;
5. Mantenha uma classe de estudos da Bíblia em funcionamento, preparando pessoas para o batismo e envolvendo os discípulos batizados no processo de ensino das crenças bíblicas e na logística do projeto – recepção, música, audiovisual, lanche.

⁶ Christian A. Schwarz. O Desenvolvimento Natural da Igreja. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2001, página 24.

O QUE FAZER COM ESTE CAPÍTULO?

(questões para serem discutidas na Comissão, na reunião de Anciãos ou na Classe dos Professores)

1. Cite 5 características essenciais para um pastor.
2. O que falta para que os discípulos de sua Unidade de Ação sejam pastoreados como Cristo fazia com seus seguidores?
3. Liste as 5 principais ideias do artigo.
4. Os professores da Escola Sabatina devem ser pastoreados por quem?

7

A UNIDADE DE AÇÃO E O DISCIPULADO

Pr. Sergio Strapassan

Uma Unidade de Ação é um ciclo vivo que se autoalimenta com base nos relacionamentos amadurecidos e criados semanalmente. Quando um discípulo se distancia, naturalmente os demais vão sentir sua falta e formarão maneiras de reaproximá-lo. Nela sempre haverá um tempo e um espaço reservado para que novos membros sejam conduzidos ao Reino dos Céus.

Unidades de Ação sempre estão em gestação, pois é contínuo seu processo de reprodução de discípulos por meio da evangelização. Assim, através da Escola Sabatina a Igreja cumpre seu papel de “multiplicar-se e encher a terra”. Quanto mais pessoas envolvidas maior será o número de conversões. E, aumentando o número de seguidores de Cristo há mais Unidades de Ação agitando a renovação do ciclo.

Um propósito essencial é que cada integrante da Unidade forme uma consciência missional e desenvolva sua autonomia para as ações missionárias. É imperativo que cada membro se reconheça como um discípulo e, assim como “filho de peixe peixinho é”, sua vida será a preparação de indivíduos comuns para serem seus imitadores.

Sustentar a Escola Sabatina na perspectiva do discipulado é mantê-la sempre focada em Jesus. Assim, como Ele é o princípio e o fim, uma Unidade de Ação, ao se espelhar no Seu ministério para a for-

mação de relacionamentos e para a construção de ações, nunca será centrada em si mesma e não se limitará ao prédio. Principalmente, pelo fato de perceber que o Mestre estava em contínuo movimento de casa em casa, vila a vila, festa a festa, velório a velório, “hospital a hospital”.

Se Cristo não parava de fazer o bem e proclamar libertação aos cativos pelo pecado, por que nossa Unidade de Discípulos faria diferente?

CRISTO, UM ESPECIALISTA EM DISCIPULADO

Quando Jesus disse aos discípulos que fizessem novos discípulos (Mateus 28:18-20), eles já sabiam o significado da ordem. Entendiam pelo exemplo de vida com Ele o que era a transformação de incrédulos em apaixonados pela fé cristã. Eram profundamente conhecedores das doutrinas evangélicas (ensinando-os a guardar tudo o que lhes tinha ensinado) e experimentaram a simbologia do batismo ao ponto de desejarem que o mesmo se repetisse na vida de cada ser humano (batizando-os). Por último, eram tão submissos à Divindade que não resumiriam sua vida em batizar pessoas para participarem de uma comunidade humana entendendo o privilégio de inseri-las na realidade do Reino de Deus (em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo).

Um ponto favorável no sucesso de Cristo em transformar aqueles indivíduos em discípulos é que passaram tempo uns com os outros. Não apenas numa perspectiva de 3 anos e meio, mas no fato de terem vivido cerca de 1.275 dias agregados. Provaram do mesmo alimento, de um único jantar e, muitas vezes, de um saboroso jejum. Foram perseguidos juntos, oraram as mesmas orações, enfrentaram os mesmos demônios, tudo pelo mesmo Cristo. Descobriram que em comunidade é difícil mascarar limitações, egoísmos, ignorâncias e invejas. Lentamente, aprenderam que não eram concorrentes, pois seu chamado os obrigava a servirem ao semelhante.

A atmosfera dos ambientes, a integração do grupo e o ensinamento aplicável ao seu cotidiano foram ingredientes que potencializaram o tempo para que cada um amadurecesse.

O legado de Cristo se deu quando o que Ele começou continuou e se espalhou por todo o mundo, apesar de sua ausência física entre os discípulos (Atos 2:42-46; 5:42).

CICLO DE DISCÍPULOS

A Unidade de Ação é um grupo pequeno de pessoas que vivem sob o clima relacional da comunidade chamada Igreja. Ali a vida acontece a partir de Cristo e de volta para Ele. Seus participantes são agradecidos pela graça salvadora e espontaneamente promovem encontros, festas, intercessões, estudos da Bíblia, não limitados a métodos estabelecidos por um voto institucional.

Participar de grupos relacionais é terapêutico, pois ao longo da vida nos deparamos com diferentes necessidades e cada uma influencia nossa motivação emocional e espiritual. Quando a busca pela felicidade conjugal e profissional desmorona nossa satisfação pessoal, uma boa forma de viver uma nova história é passarmos pelos vales acompanhados de irmãos em Cristo que dividem os pesos conosco.

Na Unidade de Ação, o crente recebe relatórios sobre seu valor cristão e confirma que está crescendo em Cristo. Vive uma vida produtiva vendo seus talentos sendo fontes de bênçãos aos seus semelhantes. Afinal, assim como não nascemos para a solidão não crescemos para a inutilidade.

Discípulos que aceitam sua vocação espiritual reproduzem vida e isto culmina em novos discípulos vivendo a comunidade dos mesmos vieses teológicos. Em outras palavras, a qualidade na relação com Cristo resultará em quantidade quanto aos que vivem distantes, mas que serão aproximados por aqueles que anunciam as boas-novas.

Em uma cultura individualista, as pessoas têm uma inclinação por participarem apenas do que persuade seus sentimentos. Porém, este é o sintoma do que o pecado faz: separa (Isaías 59:1-3).

Por outro lado, o ambiente aconchegante e encorajador da vida em comunidade, Unidade de Ação, provê uma atmosfera social que supera as inclinações por solidão e independência. Ali todos se apoiam e, à medida que seguem a Cristo, se amam. Este discipulado acontece todo dia e em qualquer lugar como cumprimento do anseio de Deus em ser adorado – “onde estiverem 2 ou 3 reunidos, ali estarei”.

Em síntese, discipulado é um relacionamento profundo de amor. “Não se trata simplesmente de um estado ontológico, uma questão de ter tomado uma decisão em um dado momento e pronto. Ser discípulo é um estado ativo de aprendizado e crescimento”.¹

¹ Paul Bendor Samuel, Revista Últimato, set.-out. 2012, p. 50.

O QUE FAZER COM ESTE CAPÍTULO?

(questões para serem discutidas na Comissão, na reunião de Anciãos ou na Classe dos Professores)

1. Como Jesus formava discípulos?
2. Como viver o discipulado na Unidade de Ação?
3. Liste as 5 principais ideias do artigo.
4. Você foi discipulado por quem na igreja? Quantas e quais são as pessoas que você está discipulando este ano?



A UNIDADE DE AÇÃO E OS MÉTODOS DE CRISTO

Pr. Willian Nunes Ferreira

“Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Segue-Me’. João 21:19”
(*A Ciência do Bom Viver*, p. 49).

Qual era objetivo de Jesus ao desenvolver seu método?

Lucas 19:10 “Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido”.

Mateus 20:28 “tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”.

Qual a necessidade de uma Unidade de Ação viver o exemplo de Jesus?

“[...] somente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo [...]”.¹

¹ Ellen G. White. *A Ciência do Bom Viver*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005, página 49.

UNIDADE DE AÇÃO E O POVO

As pessoas vivem basicamente em três diferentes ambientes²:

1. **O lar:** lugar para relaxar e se retirar dos estresses; ambiente familiar; é o lugar ideal para encontrar amigos e socializar tendo controle de todas as situações; nem sempre tem mobiliário adequado a estrutura da família;
2. **O trabalho:** lugar de produtividade, local organizado e competitivo; ambiente onde as pessoas ganham a vida; não é adequado para lazer nem para relações informais; espaço de tomada de decisões; o silêncio é quase sempre obrigatório; relaxar ou dormir pode ser perigoso;
3. **O terceiro espaço:** é um centro da vida pública informal; é um terreno neutro sem preconceitos políticos ou financeiros; reúne pessoas de diferentes status socioeconômicos; não há um pré-requisito para aceitação ou negação da presença da pessoa naquele lugar; a conversa é a atividade central; podem ser abertos e de fácil acessibilidade; todos os ocupantes sentem suas necessidades supridas; os frequentadores regulares ajudam a definir o ritmo e característica do espaço, atraem novos frequentadores e os ajuda a se sentirem bem-vindos e acomodados; é como uma casa longe de casa e seus participantes têm os mesmos sentimentos de afetividade, de posse e pertencimento como fariam em suas próprias casas; estes locais ajudam a unificar as pessoas do bairro/trabalho/igreja; sem um terceiro espaço, os moradores vivem na mesma vizinhança há anos, mas não se conhecem; exemplos: shoppings, praças, bares, clubes.

Desde que as ondas de migrações geográficas e a virtualização das relações entraram em cena ocorreram transformações no espaço social e diferentes culturas passaram a conviver em um mesmo ambiente.

Neste aspecto, é importante perceber onde as pessoas vivem e se relacionam a fim de construirmos formas de convívio que produzam confiança e satisfação de suas necessidades humanas tais como afeto, cuidado, toque etc.

² Traduzido do livro de Roy Oldenburg. *The great good place: Cafes, coffee shops, bookstores, bars, hair salons and other hangouts at the heart of a community* (2. ed.). New York: Marlowe and Co., 1999.

Nos dias de Jesus ele encontrava o povo nas vilas, nas ruas, nos lares, nos centros urbanos, no templo. Hoje, além de frequentarem estas localidades, as pessoas também formam multidões em redes sociais. Aqueles que vivem sob a ordem de amar o semelhante precisam redescobrir o sentido do misturar-se e do ministrar às necessidades dos homens da atualidade.

MISTURANDO-SE COM AS PESSOAS

Paul Tillich, famoso teólogo, disse certa vez: “A primeira obrigação do amor é ouvir”. É certo que quando um cristão tira tempo para ouvir outra pessoa há a expressa demonstração de interesse para com suas opiniões, sentimentos e valores. Isto é respeitar o que elas são, como pensam, sentem e creem.³

Sua Igreja e Unidade de Ação sabem quais são as doenças que mais afetam as pessoas onde elas estão inseridas?

Sua Unidade de Ação já visitou os vizinhos para ouvir seus sentimentos, pensamentos e opiniões sobre segurança, saúde, educação?

Quais são as características das famílias que moram em sua comunidade? Mais solteiros ou mais casados? Mais crianças ou mais jovens? Mais homens ou mais mulheres? Mais adultos ou mais idosos?

Como o prédio da sua Igreja poderia servir de ponto de apoio às necessidades do bairro?

Cada Unidade de Ação é uma pequena demonstração do que é a vida da comunidade externa à igreja. Por isso, com base na qualidade e forma de vida dos seus membros é possível entender o que se passa naquela determinada região. Por isso, quanto mais os membros de uma igreja se conhecerem melhor preparados estarão para ofertarem cuidados aos seus vizinhos. Ou seja, farão bem aos semelhantes como se fazem a si mesmos.

Você sabe os nomes e endereços dos seus irmãos em Cristo que frequentam a sua Unidade de Ação?

Você conseguiria falar a data de nascimento de quantos membros da sua Unidade de Ação?

Qual é a regularidade de seus encontros para estreitarem a relação e se fortalecerem a fim de construir projetos de apoio aos que ainda não possuem a sua fé cristã?

³ Abdala, Emilio. Fator Amizade: contagiando o mundo para Cristo. União Central da Igreja Adventista do Sétimo Dia. 2013., páginas 32 e 34.

MANIFESTANDO SIMPATIA

Mateus 14:14 “Desembarcando, viu Jesus uma grande multidão, e compadeceu-se dela [...]”.

Compaixão é constranger-se pela necessidade do outro e ofertar-lhe cuidado. É uma atitude que não se limita a questões financeiras e que alcança os indivíduos ou a coletividade em sua carência por amor, carinho, respeito, atenção, dignidade, saúde, justiça, enfim, precisa-se de tanta coisa que é urgente a formação de um movimento de transformação social promovido pela igreja.

Ellen G. White⁴ afirma que:

Cristo identifica os Seus interesses com os interesses da humanidade sofredora [...] Se quereis ser Seus seguidores, necessitais cultivar compaixão e simpatia, a indiferença pelos ais da humanidade deve ceder lugar ao interesse vivo nos sofrimentos alheios. As viúvas, os órfãos, os enfermos e os que estão a perecer, sempre necessitam de ajuda (simpatia). Aqui está uma oportunidade de proclamar o evangelho – exaltar a Jesus, a esperança e a consolação de todos os homens. Quando o sofrimento do corpo for aliviado e mostrastes ardente interesse pelos afligidos, o coração é aberto, e podeis derramar aí o bálsamo celestial. Se estais olhando para Jesus, e Dele tirando conhecimento e força e graça, podeis repartir sua consolação com outros, porque convosco está o Confortador.

C. N. Bovee⁵ afirmou que a “compaixão é a língua que o mudo pode falar e o surdo pode ouvir”. Isto se mistura com a compreensão de que empatia é sentir o que o seu semelhante sente e simpatia é permitir que prove dos seus sentimentos por ele.

Sendo assim, enquanto grupo de apoio e comunidade de serviço espiritual, sua igreja e Unidade de Ação são mais empáticas ou simpáticas?

⁴ Ellen G. White. *Beneficência Social*. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004, página 23.

⁵ Autor citado no livro *Fator Amizade*, página 34.

ATENDENDO AS NECESSIDADES

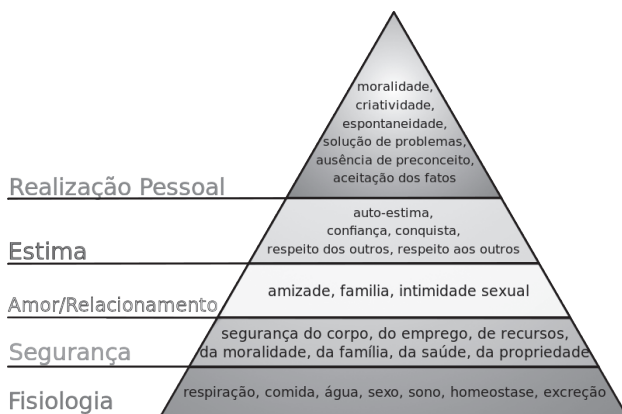
Todos passamos pelos mesmos vales e a diferença é o tipo de companhia ao nosso lado. Por isso, a igreja precisa ser irrepreensível em sua manifestação cristã não se limitando à teoria dos sermões, mas praticando boas ações que tocam o corpo, a mente e transformam o caráter.

Agora tente descrever 10 necessidades básicas de um ser humano. Elas podem estar relacionadas com a sobrevivência humana, em qualquer tempo ou lugar. Passam pelo acesso à comida, roupa, saúde, moradia e segurança.

Quais são as necessidades de pessoas de baixa renda? E das pessoas de alta renda? Há 50 anos elas eram as mesmas? São diferentes no Brasil ou nos Estados Unidos?

Há os que serão cuidados ao terem sua fome saciada. E há aqueles cujas necessidades estão ligadas ao “ter” e não ao “comer”, ou seja, têm estabilidade, segurança, tranquilidade, sobrevivência, mas sofrem com problemas psicossociais causados pelo materialismo e solidão.

De acordo do o psicólogo Abraham Maslow⁶ podemos pontuar as necessidades humanas da seguinte forma:



Jesus quando esteve aqui multiplicou o pão, curou enfermos, deu-lhes segurança, ouviu ricos, comeu com pobres, tocou leprosos, incluiu mulheres em sua comunidade, exaltou as crianças, ensinou sacerdotes, enfim, envolveu-se e doou seus dons a todas as espécies de pessoas.

⁶ Imagem disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hierarquia_de_necessidades_de_Maslow>.

Assim como o Mestre, sua Unidade de Ação pode ser uma mão ajudadora junto às necessidades humanas:

1. Necessidades básicas: doar roupas, doar alimentos, doar brinquedos, reformar casas, ofertar palestras sobre orientação sexual;
2. Necessidades de segurança: prestar suporte financeiro às famílias, programas de empreendedorismo, ofertar empregos, ofertar palestras sobre relacionamentos familiares;
3. Necessidades sociais: visitar hospitais e orfanatos, realizar festas beneficentes, visitar famílias enlutadas, visitar presos e seus familiares;
4. Necessidades de estima: participar das reuniões e eventos sociais do bairro/prédio, prestar auxílio doméstico aos vizinhos, promover campanhas de cidadania (combate à dengue, respeito aos idosos, consciência ecológica);
5. Necessidades de autorrealização: campanhas sobre liberdade religiosa, atendimento a refugiados, premiação de vizinhos solidários, convidar membros da comunidade para palestrarem ou ministrarem cursos compartilhando seus conhecimentos para o benefício do bairro.

CONQUISTANDO A CONFIANÇA

Confiança é consequência de um relacionamento abnegado, coerente, íntegro, fiel.

Para ganhar a confiança da comunidade é preciso torná-la ciente do quanto é importante para a igreja. Nossos vizinhos precisam nos ter como referência para quaisquer momentos – nascimento, doença, morte, festas. A igreja precisa estar presente no cotidiano de sua sociedade e o movimento das Unidades de Ação por meio de grupos nos lares ou grupos de apoio social é essencial para a formação de um relacionamento de espiritual.

Cada Unidade de Ação pode adotar o bairro onde residem seus membros e, a partir disto, trabalharem para o suprimento das necessidades humanas naquela localidade.

SEGUE-ME

“Unicamente os métodos de Cristo” é algo simples, amplo e desafiador.

Para uma Unidade de Ação cumprir este papel cada membro deve colocar seu lar, seu tempo e seus recursos à disposição da missão. Assim, cada casa se abrirá como um ponto de encontro com vizinhos a fim de lhes apresentar Deus.

Jesus, ao passar por esta terra se preocupou em amar as pessoas independente de seus credos, de suas filosofias ou de sua raça a fim de torná-las dependentes de dEle. Seguindo-o a igreja multiplicará Suas bênçãos alcançando cada casa dos bairros, tornando-as em altares de adoração ao Deus Eterno.

Em síntese, a melhor experiência espiritual vivida através da Escola Sabatina é a que extraímos dos atos de cuidado aos órfãos, viúvas, ricos ou pobres. Certamente, novos discípulos se formarão enquanto estivermos unidos em ação.

O QUE FAZER COM ESTE CAPÍTULO?

(questões para serem discutidas na Comissão, na reunião de Anciãos ou na Classe dos Professores)

1. Como colocar o método de Cristo em prática na Escola Sabatina?
2. O que falta para a sua Igreja se envolver com a comunidade como Cristo fazia?
3. Liste as 5 principais ideias do artigo.
4. Faça um plano de ação baseado no método de Cristo para cada Unidade de Ação cumprir nos próximos 3 meses.



A UNIDADE DE AÇÃO E A ADAPTAÇÃO CULTURAL

Pr. Robson Romero de Sousa

Cultura é uma propriedade humana ímpar, simultaneamente individual e coletiva. Forma-se em plataformas simbólicas, está relacionada ao tempo (passado, presente, futuro), é comunicável via a vida social e usa conteúdos materiais (madeira, roupas) ou imateriais (ideologias, crenças) consolidando as características que nos permitem reconhecer cada grupo humano.¹

Já Adaptação significa ajustar uma coisa para que ela esteja adequada a outra. Quando falamos de Unidade de Ação e Adaptação Cultural queremos dizer que existe a necessidade de maior flexibilidade a fim de ajustar nossa forma de trabalho ao meio e às pessoas dos locais onde desempenhamos as ações missionárias.

Não podemos pensar que um único plano de ação missionária vai atender a todos, em todos os lugares, em seus diversos matizes culturais. É preciso traçar o melhor caminho para alcançar os objetivos propostos em cada realidade social.

¹ Tradução do ensaio Culture: An Anthropological View publicado originalmente em The Yale Review, XVII (4), 1982, p. 499-512. Revisão de Leda Maia, Maria Regina Celestino de Almeida e Cecília Azevedo. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v14n28/a10v1428.pdf>>.

Em Atos 17:22-31 temos um excelente exemplo onde se respeita o fator cultural sem se limitar ao mesmo. Na ocasião, Paulo elogia o povo pagão de Atenas pela sua “religiosidade” (v. 22), ao invés de criticá-los pelas dezenas de templos pagãos existentes ali. Depois, relaciona Cristo a um desses deuses (v. 23), atizando a curiosidade dos ouvintes e O compara às demais entidades divinas de forma positiva. Algo como “o Deus que vos apresento é diferente dos que vocês já conhecem, porque Ele não vai exigir de vocês um tipo de veneração como se estivesse precisando de alguma coisa” (v. 24-25). Para fortalecer seu argumento usa filósofos conhecidos do povo a ser evangelizado (v. 28).

Também chamamos de Contextualização essa Adaptação Cultural, usada por Paulo em Atenas. Ela pode ser definida como o uso de elementos da realidade conhecida pelas pessoas para que o evangelho seja mais facilmente compreendido e aceito. Dois pontos são fundamentais para que o processo ocorra:

Aprenda a separar os princípios fundamentais da fé de sua cultura religiosa

Entendendo que a cultura é aprendida ao longo da vida e através do contato com outras pessoas, relacionamento é um mandamento quando se quer influenciar comunidades com perspectivas espirituais diferentes das nossas.

Por exemplo, quando uma pessoa recebe estudos bíblicos, adquire o conhecimento necessário para que sua opção pela fé adventista se torne consciente, pois é na consciência que se alocam **princípios de fé**. Logo, por meio de contatos com outros adventistas consolidamos muito da nossa **cultura religiosa**.

Separamos aqui os conceitos com o intuito de elucidar que mesmo os princípios bíblicos tendo sido semeados no campo de sua experiência cultural por outra pessoa - um instrutor bíblico, o autor de um livro ou um pregador no púlpito, estes foram revelados diretamente por Deus.

Em síntese, Cultura Religiosa é aquilo que aprendemos como forma prática da fé e que não se constitui como um princípio, mas costumes e tradições.

Por exemplo: “**Louvar a Deus**” é um princípio que extraímos da revelação. Logo, é universal e vale em todos os tempos e culturas. Porém, quando dizemos “**Louvar a Deus com uma determinada música**”; ou “**estilo musical**”; ou “**instrumento musical**”, estamos

falando de Cultura Religiosa. Está vinculado a costumes e tradições, portanto, não é universal. Não vale para todas as pessoas, em todos os tempos e em todos os lugares.

Como missionários, precisamos ter firmeza em nossos princípios antes de adaptá-los às culturas, para não correremos o risco de construirmos barreiras para a formação de relacionamentos redentores com as pessoas.

Aprenda a observar a cultura das pessoas e use-a a favor da missão

Vivemos em uma sociedade plural que traz consigo diferentes construções de vida. Cada indivíduo tem sua própria história e formas de aprendizado de valores. Assim, podemos observar como cada pessoa ou sociedade aprende novos conteúdos para os seus relacionamentos ou crenças.

O intuito é fazer o que Paulo fez em Atenas: aproveitar a cultura para criar pontes de relacionamento entre as pessoas e Jesus.

Uma forma é analisar censos do IBGE e estudos da sociedade disponibilizados por Universidades e Centros de Pesquisas . Por exemplo, se os públicos-alvos do evangelismo forem tribos de adolescentes, podemos ir ao GOOGLE e digitar “O que os Adolescentes querem”, “perfil dos Adolescentes urbanos e rurais”, ou “Adolescência em grupos étnicos”. Isto nos permitirá saber que tipo de música ouvem, quais suas principais influências, o que compram, comem ou fazem para se divertir e como enxergam a espiritualidade.

Um outro caso é a evangelização de Ciganos. Devemos trabalhar com eles sem condenar a quiromancia² ao se construir as primeiras pontes para o diálogo religioso.

Existem muitas perguntas que podemos fazer sobre indivíduos ou povos. Quantas mais delas fizermos, melhor conheceremos os indivíduos que queremos alcançar e o mundo deles. Porém, não podemos fazer perguntas julgando-as com base em nossa forma de viver o evangelho. Nossos gostos pessoais e nossa cultura religiosa não são padrões para quem nunca se relacionou com Jesus como nós. A melhor forma de se aproximar é não considerando-os perdidos, mas desconhecidos.

² Quiromancia é um método complexo de adivinhação e de interpretação de sinais baseados nas linhas da palma da mão e no seu formato, tamanho e textura. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Quiromancia>>.

O pensamento norteador para a adaptação cultural do evangelho, se expandirá se usarmos perguntas como: é compatível com os princípios da graça? É possível usar isso a favor do evangelho? Como posso fazê-lo? Em meu lugar o que faria Jesus?

Não podemos esquecer que a melhor forma de conhecer as pessoas é interagir com elas em seus próprios espaços culturais.

Concluindo, embora não exista caminho fácil no campo da contextualização, um coração aberto e repleto do Espírito Santo certamente encontrará o melhor trajeto para alcançar as pessoas em suas múltiplas realidades. Trabalhar esses temas junto a sua Unidade de Ação dará nova vida ao empenho missionário, despertará mais paixão pela obra das missões e abrirá novas portas para o testemunho.

O QUE FAZER COM ESTE CAPÍTULO?

(questões para serem discutidas na Comissão, na reunião de Anciãos ou na Classe dos Professores)

1. Cite 2 exemplos de adaptação do evangelho à cultura, sem quebra de princípios bíblicos.
2. Qual é a maior dificuldade que sua Igreja tem em se envolver com pessoas de diferentes culturas religiosas?
3. Liste as 5 principais ideias do artigo.
4. Como uma Unidade de Ação poderia evangelizar Ateus, Híppies ou Budistas?

10

A UNIDADE DE AÇÃO FAZENDO MISSÕES URBANAS

Pr. Robson Romero de Sousa

Falar de Missões Urbanas é diferente de falar de Missão Urbana. Missão tem a ver com os conceitos bíblicos, teológicos e filosóficos da *Missio Dei*, a Missão de Deus que é transmitida dEle para Seus discípulos. Já Missões trata do modo operante, da missão em seus aspectos práticos e metodológicos. É sobre essa prática que vamos falar, delimitando nosso campo de atuação: as cidades.

Como uma unidade de ação pode ser estruturada para fazer missões urbanas? Compromisso e criatividade são importantes, mas, em primeiro lugar, é preciso haver interesse por parte de professores e alunos da Unidade de Ação. É bom que façam mapeamentos dos movimentos urbanos. Isso será muito útil para aproveitar as oportunidades que a cidade oferece.

Mapear os movimentos urbanos é buscar conhecer onde as pessoas estão, o que fazem, o que buscam e do que precisam para uma vida estável e feliz. A Unidade pode delimitar uma geografia de atuação. Deve conhecer o público por meio da frequência aos seus pontos de encontros comuns (supermercados, praças, shoppings). A partir da compreensão dos movimentos da área estudada os discípulos poderão construir métodos de evangelismo adequados à cultura local.

Como reconhecer oportunidades? “Missões Urbanas” é um conceito missiológico que vai muito além de entregar folhetos no semáforo. A pergunta é: o que podemos fazer para facilitar a vida das pessoas e chamar sua atenção para Cristo? Essa moeda tem dois lados: saber o que o grupo pode oferecer, e, ao mesmo tempo, saber o que pode ser feito nos espaços públicos ou privados que a região atendida oferece.

Saber o que a Unidade de Ação tem a oferecer significa adequar os projetos de acordo com as afinidades do grupo de discípulos, levando em conta também suas limitações. Não adianta, por exemplo, querer fazer um “flash mob” ou um teatro de semáforo, se no grupo não tem pessoas com facilidade para a atuação. Do mesmo modo, é inviável um projeto dispendioso, se o cálculo de investimento ultrapassa a capacidade de captação de recursos que a Unidade possui.

Aproveitar as oportunidades vai exigir criatividade e visão. Olhar o mapa, visitar a região com o olhar clínico e ver os espaços que ela oferece. Pode-se, por exemplo, visitar asilos, criando afinidade com os hóspedes e prestando apoio social na entidade. Levar presentes e kits de higiene pessoal, organizar festinhas de aniversário, montar recitais e cultos é uma boa ação.

Cada Unidade de Ação pode adotar uma praça, colocar brinquedos nela, revitalizar seus espaços verdes, organizar pequenos eventos ao ar livre (musicais, filmes produzidos pela igreja); montar palestras gratuitas com temas de interesse público em auditórios; pagar publicidade em ônibus ou outdoors; prestar serviço de capelanía em hospitais, visitando os leitos, orando com os pacientes e oferecendo ajuda para os acompanhantes; fixar parcerias com a instituição ministrando cursos na área de saúde como “Culinária Saudável” e “Como Deixar de Fumar”; dar palestras em escolas, exibir filmes educativos como “O Silêncio de Lara”; montar cursos de alfabetização para jovens e adultos, de inclusão digital, cursos preparatórios para concursos, pré-ENEM ou cursos de idiomas.

Estas são algumas ideias que podem ser adotadas por um grupo pequeno de voluntários, na quantidade que uma Unidade de Ação geralmente possui.

É preciso tomar cuidado com erros que podem ser evitados no planejamento do projeto:

1. **Não tente “abraçar o mundo”.** Muita criatividade pode confundir as ações. A expressão “abraçar o mundo” significa querer dar conta de tudo, sem ter condições para isso. Não comece algo que não tenha chances de terminar;
2. **Não dê “tiro de polveira”.** O tiro de polveira pode atingir vários alvos, mas sem resultados efetivos. Quando se quer fazer muitas coisas, as ações tendem a ser dispersas, esporádicas e sem objetivos. Melhor é escolher uma única tarefa e se dedicar integralmente a ela;
3. **Não atrapalhe a dinâmica urbana.** Cuidado com ações que poluam o ambiente e acabem por atrapalhar a dinâmica urbana. Como uma igreja que levou seus membros para um cruzamento com faixas e uma delas atrapalhava a visão dos motoristas que não ficaram nada satisfeitos.

O objetivo é sermos lembrados por ajudar e não por atrapalhar. Afinal, fazer missões urbanas é uma necessidade, um dever e um privilégio. É preciso orar a Deus e deixar que Ele mostre as melhores oportunidades. Ajude as Unidades de Ação de sua igreja a arquitetarem estratégias eficientes de evangelização.

O QUE FAZER COM ESTE CAPÍTULO?

(questões para serem discutidas na Comissão, na reunião de Anciãos ou na Classe dos Professores)

1. Cite 5 lugares ideais para a prática de Missões Urbanas próximas à Igreja.
2. Liste as 5 principais ideias do artigo.
3. Faça um plano de ação para que cada Unidade de Ação se torne relevante a sua comunidade.



ESCOLA SABATINA, ENVOLVIMENTO TOTAL DOS MEMBROS E PLANTIO DE IGREJAS: uma metodologia para a expansão do Reino de Deus

Pr. Julimar Gualberto dos Santos

a Igreja é um corpo vivo que, como outros organismos, precisa se desenvolver, amadurecer e se multiplicar. Este processo faz com que ela se expanda e, ao mesmo tempo, receba uma renovação natural. É um processo de restauração essencial a todo ser vivo que busca sobreviver às mudanças ambientais.

Assim, a igreja vai se contextualizando e reagindo à esterilidade missional. A metáfora de Jesus sobre a Videira Verdadeira e os Ramos é uma boa representação disto:

Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o viticultor. Toda vara em mim que não dá fruto, ele a corta; e toda vara que dá fruto, ele a limpa, para que dê mais fruto. João 15:1 e 2

Da mesma forma, um discípulo que não produz frutos é questionável quanto ao seu relacionamento com Cristo e, por isso, morre espiritualmente. É uma situação que pode levar o corpo todo de fiéis a um estado de decomposição.

Ao uma igreja experimentar renovação saudável, não forçada, haverá o envolvimento total dos membros, potencializando os resultados. Cada um dos membros que formam a igreja precisa desenvolver seus

dons e talentos, empregando-os no evangelismo individual, vivendo uma espiritualidade plena, frutificando para propósitos coletivos. Este processo foi usado por Cristo ao preparar e enviar pessoas para darem continuidade à missão de pregar o evangelho em toda terra.

UNIDADE DE AÇÃO E PLANTIO DE IGREJAS

O processo do crescimento e plantio de Igrejas se resume em uma palavra, Discipulado!

Entendo discipulado como um movimento de compartilhamento e “assimilação” de crenças sobre Deus enquanto se caminha com Ele sob à tutela de um discípulo maduro. O resultado envolverá nova cosmovisão e a internalização de princípios que formatarão um novo estilo de vida.

Ao tornar-se discípulo de Cristo o indivíduo continua o processo caminhando com outros, trazendo-os para uma nova rota espiritual.

Através do discipulado diferentes métodos para o crescimento e multiplicação de igrejas podem ser utilizados. Exemplos:

1. Grandes congregações se tornam mães. 10% dos membros de uma congregação saem para bairros vizinhos para iniciar um novo grupo;
2. Colonização. Famílias são enviadas para um novo campo missionário;
3. Centros de pregação. Novos grupos são iniciados após campanhas evangelísticas;
4. Equipes Missionárias. Equipes especializadas com Pastores e obreiros bíblicos fazem Evangelismos públicos de grande Escala;
5. Cooperativa de Igrejas. Igrejas se juntam e investem seus recursos, realizam projetos e ações numa só região e deixam ali uma igreja estabelecida;
6. Modelo Espigando. O pastor aproveita famílias que se mudam para regiões onde não existe a presença da igreja e convida-os para iniciarem um pequeno grupo em sua nova casa.

PLANTIO DE IGREJAS A PARTIR DA ESCOLA SABATINA

Um suporte humano para potencializar a aplicação de cada ou qualquer um dos modelos anteriores é a Escola Sabatina. Tendo como base o número de membros envolvidos com as Unidades de Ação e seu nível de fraternidade entendo que esta estrutura é ideal para a obtenção de resultados sustentáveis e multiplicáveis.

Um proposta é o uso dos lares como pontos de Encontro para as Unidades de Ação. A partir dali os discípulos se espalham pela região formando relacionamentos com os vizinhos a fim de sentirem o quanto, quando e como a igreja será uma benção.

Na Bíblia encontramos muitos relatos em que casas foram bases para que igrejas se reunissem:

- Casa de Tito Justo (Atos 18:4-11) – Origem da igreja de Corinto;
- Casa de Jason (Atos 17:1-7) – Origem da igreja de Tessalônica;
- Casa de Áquila e Priscila, Asíncrito, Flegonte, Filólogo e Júlia (Romanos 16:3-5, 14 e 15) – Origem de Éfeso e Roma.

Darei sete passos que podem ser empregados para que sua Igreja plante outras através das Unidades de Ação e, conseqüentemente, do envolvimento total dos membros.

Passo 1: Oração.

Envolve cada Unidade em dias, lugares e momentos específicos de oração. Use o ciclo de: para cada reunião de recapitulação no sábado um encontro de oração na semana.

O apóstolo Paulo por várias vezes fez pedidos de oração por desafios evangelísticos. Ele convidou as Igrejas e amigos para se juntarem a em oração para que Deus abra as portas:

“Orem também por nós, para que Deus abra uma porta para a nossa mensagem, a fim de que possamos proclamar o mistério de Cristo, pelo qual estou preso. Orem para que eu possa manifestá-lo abertamente, como me cumpre fazê-lo”.

Colossenses 4:3,4

Muitas vezes fracassamos porque colocamos a confiança apenas em nosso esforço, experiência, leitura e treinamento. Mas, quanto tempo sua Unidade de Ação investe em intercessão semanalmente?

Passo 2: Envolve sua Unidade em leituras e capacitações sobre os seguintes conteúdos:

- O que é a Bíblia?
- O que é e como viver em Comunidade?
- Como desenvolver lideranças e formar relações de discipulados?
- Quais são as fases de desenvolvimento de uma Igreja e seus pontos de multiplicação?

Sejam ousados buscando conhecimentos sobre Evangelismo Relacional e visitem Igrejas que já estão no processo de plantio através das Unidades de Ação.

Passo 3: Monte uma Unidade de Ação especial com os professores da Escola Sabatina e convide o pastor para participar.

- Este grupo será um núcleo para o desenvolvimento do ciclo de plantação de Igrejas.
- O plano é que o pastor coordene o projeto até que seja lançado oficialmente para a igreja.

Passo 4: Lançamento para toda a Igreja.

- Cada Unidade de Ação deverá definir o local onde ocorrerão as reuniões de oração e estudo da Bíblia.
- Deverão levantar informações sobre a característica do público a ser alcançado.
- Além de reuniões nas regiões a serem alcançadas os professores devem se reunir semanalmente (Classe dos Professores) para avaliar as etapas do projeto.

Passo 5: As Unidades de Ação precisam ser divididas.

- Um bom preparo para o plantio de igrejas passa por 2 etapas:
 1. **Multiplicação de Unidades de Ação:** estrategicamente cada uma deverá ter de cinco a quinze discípulos. Quando o número passar de quinze divide-se o grupo e forma-se uma nova Unidade. Este processo acostumará a igreja a crescer a partir da divisão;
 2. **Plantio de Unidades de Ação:** cada Unidade se dirige ao ponto de pregação escolhido pelo grupo e se instala ali durante meses ou anos a fim de cuidar e suprir carências da região. O grupo pode visitar os lares para conhecer e deixar-se ser conhecido pelas famílias, envolver-se com os moradores em seus pontos comuns de encontros (supermercados, praças, feiras) a fim de criar amizades mais profundas, suprir demandas de instituições de caridade da localidade. Enfim, como há muitas necessidades e a Unidade é especializada em criatividade haverá uma revolução. A Unidade de Ação “morando ali” produzirá um diagnóstico preciso sobre o momento certo de declarar a região como tendo sido evangelizada e preparada para o estabelecimento de um prédio que amplie a relevância e referencie o grupo.

Passo 6: Momento da fundação da nova igreja.

Quando o grupo sentir que sua influência afetou a rotina e boa parte dos moradores da região através de ações de amor, iniciará o processo de formação de liderança para uma nova congregação.

Passo 7: Um culto de Celebração deve ser feito para louvar a Deus pelo objetivo alcançado.

- Após a definição das Unidades pioneiras no plantio de novas congregações seus discípulos deverão ser assistidos a fim de amadurecerem para os novos desafios e quanto ao desapego da estrutura de segurança que a igreja mãe oferece.
- O local do novo templo só deve ser escolhido após terem a certeza de que enquanto discípulos são um corpo unido em

propósitos e dispostos a sacrifícios. Primeiro forma-se a igreja espiritual e depois a estrutural.

- A nova Igreja deve seguir o propósito de seu plantio e manter o processo de multiplicação a partir de Unidades de Ação que se relacionam com as diversas comunidades a fim de fazerem novos discípulos.

O QUE FAZER COM ESTE CAPÍTULO?

(questões para serem discutidas na Comissão, na reunião de Anciãos ou na Classe dos Professores)

1. Cite 5 lugares ideais para o plantio de igrejas em sua região e descreva as características do local.
2. Liste as 5 principais ideias do artigo.
3. Faça um plano de ação para que cada Unidade de Ação se torne uma igreja “filial” nos bairros sem a presença adventista.

CONCLUSÃO

O século 21 chegou com empreendimentos inovadores para a Escola Sabatina. A extensão interativa e virtual da sociedade, mediante estudos quanto ao processo ensino-aprendizagem forçou o departamento a criar planos de trabalhos baseados na ciência cognitiva. A partir de então, novos investimentos têm se destinado às equipes que se aprimoram por meio de publicações e encontros periódicos de capacitação.

Atualmente, em todas as instâncias geográficas da Igreja Adventista, administradores e membros da Escola Sabatina contam com portais eletrônicos¹, contendo tanto informações digitais e audiovisuais adequadas a cada Unidade, como comentários explicativos das lições e informações dos campos missionários. Atualmente, a lição é publicada em cerca de 325 línguas e dialetos.

Porém, apesar de tantos métodos e recursos um poderoso meio de transmissão de influência religiosa é estabelecido pelo professor. E para concluirmos deixaremos algumas reflexões:

Como é o professor imitador de Cristo?²

- Conversão: “[...] devem os professores e dirigentes da Escola Sabatina ser homens e mulheres que amem e temam a Deus [...] devem ter fome e sede de justiça da verdade divina, para transmitir esse Espírito aos que estão sob seu cuidado, levando-os a buscar a verdade como a tesouros escondidos” (páginas 71 e 73);
- Capacidade de Amar o que faz e a quem faz: “se os professores da Escola Sabatina sentissem o amor que deveriam sentir por esses cordeiros do rebanho, muitos mais seriam ganhos para o redil de Cristo” (página 77);
- Oração incessante: “os superintendentes e professores da Escola Sabatina devem orar frequentemente” (página 78);

¹ No Brasil se destacam os seguintes portais: <www.escolanoar.org.br>, <www.advir.com.br/es/>, <www.cpb.com.br>. E fora do Brasil os mais importantes estão indexados junto à Associação Geral: <www.ssnet.org/qtrtry/index.html>, <www.sabbathschoolpersonalministries.org/>.

² Extraído de White, Ellen G. Conselhos sobre Escola Sabatina. 7.ed.Tatuí, SP: CPB, 2004.

- Perseverança e ousadia: “não permitais que ideias estreitas vos proscrevam e impeçam os esforços. O Campo é o Mundo” (página 78);
- Instrumentalidade divina: “pela graça de Cristo, os professores podem ser o vivo instrumento humano – cooperadores de Deus – para iluminar, elevar, animar e ajudar a purificar a alma de sua contaminação moral” (página 81);
- Capacidade de testemunhar das lições de cada semana em qualquer instante de sua vida: “não permitais que, durante a semana, toda vossa força e energia sejam empregadas em coisas mundanas e temporais de maneira que, no sábado, não tenhais energia e força moral para dedicar ao serviço de Cristo” (página 125);

Os professores da Escola Sabatina têm uma oportunidade ímpar na missão de Deus para a Igreja Adventista. Sua importância pode ser medida pela quantidade de materiais (livros, websites, revistas, cursos) produzidos a fim de prepará-los para a execução de suas atividades ministeriais. Sendo assim, um apelo é dirigido a cada docente voluntário, porém, chamado por Deus: “devemos sentir maior preocupação pelas almas, e orar diariamente pedindo que nos sejam concedidas força e sabedoria para o sábado. Professores, uni-vos com vossas classes. Orai com elas e ensinai-as a orar [...] que tudo o que fizermos seja com o único fim de gloriar a Deus” (página 125).

Aos líderes da igreja e, em especial, aos professores da Escola Sabatina é dado o privilégio de serem canais pelos quais Deus une e coordena a caminhada de Seu povo de volta ao Lar Edênico. Afinal, Ele prepara Seus filhos para fazerem parte de uma Unidade Celestial em que Ele mesmo será o Eterno Professor.

